



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CAMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E
LINGUAGENS

EULISSANDRA OSÓRIO DE SOUZA

**FICÇÃO, HISTÓRIA E AMAZONIDADES EM CRÔNICAS DO GRÃO-PARÁ E
RIO NEGRO: DILEMAS DO ENSINO DE LITERATURA**

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2021

EULISSANDRA OSÓRIO DE SOUZA

**Ficção, história e amazonidades em *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*:
dilemas do ensino de literatura**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – *Campus* Floresta para a obtenção do título de mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens.
Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Carvalho

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

S579f Souza, Eulissandra Osório de, 1988-

Ficção, história e amazonidades em Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro: dilemas do ensino de literatura / Eulissandra Osório de Souza; Orientador: Dr. João Carlos de Carvalho - 2021.

98 f.; 30 cm.

Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Cruzeiro do Sul - AC, 2021.

Inclui referências bibliográficas.

1. Ficção histórica. 2. Discurso historiográfico. 3. Estratégias de leitura. I. Carvalho, João Carlos de. II. Título.

CDD: 869.09

Bibliotecária: Jéssica Maia Amadio CRB-11º/1009

**FICÇÃO, HISTÓRIA E AMAZONIDADES EM CRÔNICAS DO GRÃO-PARÁ E
RIO NEGRO: DILEMAS DO ENSINO DE LITERATURA**

Eulissandra Osório de Souza

Dissertação defendida em 11/10/2021 e considerada **aprovada** para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*.

Prof. Dr. Cleidison de Jesus Rocha
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Carlos de Carvalho
Universidade Federal do Acre- *Campus Floresta*
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha
Universidade Federal do Tocantins
Membro Externo

Profª. Dra. Maria José da Silva Morais Costa
Universidade Federal do Acre- *Campus Floresta*
Membro Interno

Profª. Dra. Vera Lúcia de Magalhães Bambirra
Universidade Federal do Acre- *Campus Floresta*
Suplente- Membro Interno

A Deus, aos meus pais, ao Théo e à
Amiv.

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo.

Ao meu orientador Professor Doutor João Carlos de Carvalho por toda dedicação e paciência.

Aos professores e equipe administrativa do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre -*Campus* Floresta por todo apoio e conhecimento.

À minha família por toda compreensão e palavras de incentivo.

À Amiv pela disposição em ajudar sempre e companheirismo.

Ao Théo por sua alegria nos dias ruins.

Aos nobres amigos e colegas de profissão da Vila Taperoá.

À psicóloga Priscila Almeida pelo auxílio importante para superar os efeitos da pandemia, principalmente, depois de ter vencido o vírus.

O foco na linguagem revelou-se uma habilidade prática, útil, da mesma maneira que a leitura de partituras à primeira vista pode vir a calhar para um músico. (Francine Prose, 2008, p.19)

RESUMO

Este trabalho procura investigar o entrelaçamento da história e ficção em *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, de Márcio Souza, em uma releitura da historiografia da região amazônica a partir de um famoso evento. Para tanto, chegar à análise da prosa do autor, associada aos dilemas do ensino de literatura, são observados textos relacionados à história/ficção de Mikhail Bakhtin, Hayden White; ensino de literatura em Colomer, Santaella, Chartier, Sevcenko, Prose, Bloom; e formação do leitor em Eco, Barthes, Bloom, Marcushi, entre outros. Com o fim de compreender uma discussão importante sobre as relações entre ficção e história na produção literária de expressão amazônica, refletindo a necessidade de rever a contribuição da literatura souziana para o ensino médio, a partir dos diálogos dos narradores, tendo como pano de fundo unificador a orquestração do autor-narradores, dramatizando os acontecimentos que precederam o movimento da Cabanagem. Com essa proposta, a literatura envolve diversas possibilidades na construção da linguagem e do conhecimento, mas, sobretudo, neste estudo, retorna à percepção do Norte a partir de uma espécie de viagem, pelo olhar dos próprios narradores, estrategicamente compreendidos àqueles tempos de tomada de consciência sobre a região amazônica e sua entrada na modernidade. A dissertação propõe, na sua parte analítica, um esboço de leitura da trilogia composta por *Lealdade*, *Desordem* e *Revolta*. O professor é convidado a partilhar, passo a passo, sua leitura atenta com seu aluno que se torna um leitor-aprendiz.

Palavras-chave: Ficção histórica. Discurso historiográfico. Estratégias de leitura. Amazonidade

ABSTRACT

This work searches to investigate the interlacement between history and fiction in the book *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, by Márcio Souza, in a rereading of the historiography of the Amazonian region, starting from a famous event. For that, reaching the analysis of the author's prose, associated with the dilemmas of teaching literature, texts related to the history/fiction of Mikhail Bakhtin, Hayden White; teaching literature in Colomer, Santaella, Chartier, Sevcenko, Prose, Bloom; and reader training in Eco, Barthes, Bloom, Marcushi, among others. With the purpose of understand an important discussion about the relations between fiction and history in a literary production of Amazonian expression, reflecting the needs to review the contribution of the *Souziana* Literature directed to high schools, taking as a starting point the dialogues of the narrators, having as a unifying background, the orchestration of the author-narrators, dramatizing the events that preceded the *Cabanagem* movement. With this proposal, the literature involves several possibilities in the construction of language and knowledge, but, specially, in this study, returns to the perception of the North region, from a kind of travel by the look of the own narrators, strategically understood at those times of awareness raising about the Amazonian region and its entrance in the modern times. The dissertation proposes in its analytic part, a sketch of reading about the trilogy composed by *Loyalty, Disorder and Uprising*. The teacher is invited to share, step by step, a careful reading with his or her student that becomes a learner-reader.

Key words: Historic fiction. Historiographic speech. Strategies of reading. Amazonian way.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	12
1 LITERATURA E HISTÓRIA	
1.1 Amazônia e as fronteiras ficção e história.....	25
1.2 Plurilinguismo bakhtiniano e uma literatura regional de expressão amazônica.....	33
2 LITERATURA REGIONAL DA AMAZÔNIA E O ENSINO	
2.1 Amazônia e o leitor-aprendiz: história em construção além da escola.....	41
2.2 Construção de significados históricos pelo texto em sala de aula: contribuição literária.....	47
3 MÁRCIO SOUZA E SUA PEDAGOGIA DIALÓGICA: NARRADORES E ESTRATÉGIAS DE ENSINO EM SALA DE AULA	
3.1 Cabanagem: inter cruzando olhares.....	55
3.2 <i>Lealdade</i> : espaço-tempo na reconstrução ficcional da história.....	63
3.3 <i>Desordem</i> : o enquadramento sensível do tempo-espaço no impasse político.....	73
3.4 <i>Revolta</i> : o distanciamento épico.....	82
3.5 A amazonidade na trilogia souziana e a importância da ficção histórica para a região.....	88
CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

A gênese deste trabalho está nos primeiros anos de faculdade com o projeto de iniciação científica *Estudos das manifestações orais e escritas na Amazônia* que tinha por objetivo proporcionar uma discussão importante sobre as relações entre ficção e história na produção literária de expressão amazônica. Criou-se um elo invisível em mim sobre uma compreensão básica de uma problemática que nos remetia a vários momentos da história literária brasileira e regional. Fui provocada a pesquisar bibliograficamente elementos que pudessem ampliar minha capacidade de reflexão sobre os pontos levantados pelo trabalho e que trouxessem elementos novos para a compreensão do fenômeno da ficção histórica na Amazônia.

No início da graduação enfrentei muitas dificuldades, já que no período do ensino médio – 2007, nada sabia sobre a existência de temas da região Norte em livros, ou a importância dada ao assunto era pouca em sala de aula. Naquele tempo, o acesso aos privilégios tecnológicos estavam engatinhando, e nem todos, dentro da universidade, tinham os mesmos benefícios e facilidades. Pela biblioteca do *campus* Floresta¹ conheci algumas obras, entre elas, a do autor Márcio Souza, Euclides da Cunha, Dalcídio Jurandir, José Potyguara, por exigência do projeto científico do qual era bolsista, o que levou-me a reflexões importantes sobre as diferentes identidades amazônicas, principalmente, depois, nutridas pelos relatos de historiadores e outros ficcionistas.

Os romances, contos e ensaios, aos quais tive acesso, ensinaram-me como a floresta era vista nos séculos desde os primórdios do processo colonizador, com assuntos universais inerentes à condição humana sob a perspectiva muitas vezes do caótico e do bárbaro. Isso, por outro lado, incomodava-me por não entender as razões de tantos autores escreverem sob o viés impiedoso da floresta em relação ao homem e a ideia de civilização que dominava no que se refere a outras formas sociais de convívio que a hileia sugeria. Mas, com o tempo, compreendi que o estrangeiro trouxe seu *modus vivendi*, tentando adaptar-se à nova contextualização nos trópicos. Na Amazônia, gestava-se uma nova maneira de convívio, entre homem e meio ambiente, ao longo dos séculos, que provavelmente não se repetiu em nenhum outro espaço do mundo.

¹ *Campus* da Universidade Federal do Acre, situado no município de Cruzeiro do Sul, segundo do estado.

Podemos então supor que, desde o início, a relação de espanto dos viajantes caracterizou a construção discursiva da região amazônica em um sentido extremo, com uma atmosfera de elementos transplantados da Europa que desafiavam o poder de decifração do colonizador, por meio de uma efígie construída pelas narrativas sobre o exótico que ainda hoje representa um componente evocado naqueles que decidem visitá-la pela primeira vez. Do estrangeiro, portanto, nos vem uma base discursiva de uma formação identitária de adaptação constante aos perigos e mistérios do desconhecido, o que gerou muitas temáticas locais, sendo depois utilizada continuamente por muitos outros ensaístas e estudiosos, de Euclides da Cunha a Márcio Souza, por exemplo, seja para reforçar um conceito único de civilização ou para contrapô-lo confrontando as formas nativas à herança recebida pelo processo de ocupação. Seria como se quase que obrigatoriamente a Amazônia tivesse de ser percebida como um espetáculo gestante de medos e maravilhamentos.

As particularidades regionais enunciadas de diversas maneiras por séculos possibilitaram, no âmbito da literatura, uma combinação entre a ficção e a história de maneira muito própria. A ficção como linguagem foi capaz de oferecer uma visão mais ampla, controlada dos acontecimentos factuais e dos exageros implantados ao longo do processo colonizador; e a história como fonte de pesquisa, o chamado discurso verídico ou documental. É nesta medida que o romance, contos, e tantas outras manifestações literárias, especialmente no século XX, tornaram-se materiais importantes para compreensão e captação da linguagem do lugar, como se fosse reconstruído a partir dos recortes dialógicos estratégicos entre linguagem e vazio, e a literatura, numa certa altura, fosse a única capaz de preencher as expectativas.

Diante disto, o objetivo geral deste trabalho é analisar as contribuições dos romances de Márcio Souza, *Lealdade*, *Desordem* e *Revolta*, que compõem até o momento uma suposta tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, na reconstrução do discurso histórico, por meio da ficção, de uma Amazônia desconhecida ainda dos brasileiros, além de contribuir para formação do leitor-aprendiz. O autor, utiliza-se de um enredo cronológico a partir dos acontecimentos que recriam o momento da maior insurreição popular conhecida como a Cabanagem. Com sua proposta, ele nos convida, sobretudo, a retornar à percepção do Norte a partir de uma espécie de viagem pelo olhar de seus narradores àqueles tempos de tomada de consciência amazônica pela primeira

vez, quem sabe, pelo menos no sentido de localização civilizacional no Ocidente. A composição de suas personagens, fictícias ou não, projetam as vozes dos fantasmas regionais no afã de ocupar o seu lugar na representação da realidade histórica enquanto fabricação discursiva na entrada da modernidade da região. A partir do ponto de vista dos narradores em foco, articulados por um autor onisciente, os três romances de Márcio Souza ganham relevância no entrelaçamento entre o discurso historiográfico e o processo de fabricação discursiva por meio da ficção. O interesse pelas tramas históricas daquele período desperta o interesse em prol de um momento quase esquecido pelas novas gerações que habitam a grande planície.

A ficção de Márcio Souza, de um modo geral, ecoa as nuances que desvelam uma Amazônia complexa marcada por questões políticas, sociais e existenciais do ser humano em extremos de sua afirmação como sujeito num espaço a ser ocupado, herança do processo colonial das américas. Seus romances possibilitam uma compreensão mais ampla da região também por seu carácter documental por trás de tramas e enredos bem compostos, como em *Galvez, imperador do Acre*, *Mad Maria*, *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* ou *O fim do Terceiro Mundo*. Assim, trata-se de uma fonte indispensável para aqueles dispostos a dedicarem-se aos estudos sobre os fatos marcantes da formação amazônica em particularidades que nunca estão no centro das atenções quando olhamos para a hileia de maneira macro.

Nesta dissertação, a perspectiva de análise parte da construção dos diálogos intersectados por fatos históricos e subjetivos das personagens centrais da, até então, trilogia souziana em que a Amazônia tem sido cenário para diversas narrativas que compõem mais um capítulo da aventura humana, cheia de elementos culturais e étnicos que proporcionam diferentes tons aos processos de construção identitária local no início do século XIX.

A partir dessa problematização, o embasamento teórico consolidado permeia o conceito de Plurilinguismo, de Mikhail Bakhtin. Para ele, o Plurilinguismo penetra no romance, pois “se materializa nas figuras das pessoas” e “a linguagem é dada ao romancista estratificada e dividida em linguagens diversas”. (1993. p. 134). Sendo assim, deparamo-nos com um painel importante que ajudou a justapor diversos pontos de vista a se encontrarem em um imbróglio particularmente problemático para a região Norte e o Brasil.

Nesse sentido, a metodologia adotada se alicerça em um instrumental bibliográfico sobre o tema com o foco no objeto desta pesquisa que é o do olhar histórico e ficcional dos narradores na trilogia de Márcio Souza e como as estratégias de composição ajudam a estreitar os limites entre documentação histórica e ficção. Como primeiro objetivo específico, a intenção é trabalhar as fronteiras ficção e história vislumbrando seus interstícios, captando sua funcionalidade para a produção artística e sua projeção para o leitor. Também, um olhar privilegiado multiforme, por meio de uma consciência aguçada sobre as diferenças que incrementam um voraz diálogo com os pontos de indeterminação que até hoje se estabelecem como importantes entre essas fronteiras do conhecimento e o lúdico, elementos essenciais para uma formação mais plena do aluno.

As marcas nas construções literárias na Amazônia se formam desde os relatos de viagem no século XVI, com Carvajal em diante, até os naturalistas no século XIX e, com isso, todo padrão realista que permaneceu mesmo a partir do século XX é herdeiro dessa tradição que mistura narrativas dos viajantes e ciência ao sabor das fabulações. Assim, do caráter documental ao ficcional, inventou-se várias amazônias, e isso é uma constante ao longo de uma trajetória literária que tem persistido ainda nos nossos dias.

Em *Amazônia Revisitada: de Carvajal a Márcio Souza*, de João Carlos de Carvalho, é possível perceber o percurso discursivo de séculos transplantados da Amazônia colonial à modernidade. O referido autor defende que há lacunas na historiografia que só a ficção seria capaz de preencher. Isto porque o campo historiográfico impõe algumas barreiras supostamente “mais verdadeiras” e “a ótica ficcionalizante da história, bem mais flexível, permitiria uma ambiguidade sem desprezar os fatos, mas os tornaria relevantes e passíveis de serem reorganizados por novos matizes”. (2005, p. 259) Então, procurar as relações entre ficção e história em *Lealdade, Desordem e Revolta* levará em conta o fato de explorar a dinâmica que a linguagem literária permite como uma expressão capaz de produzir interrogações infinitas sobre os desafios inerentes à sociedade humana em momentos de confronto, como, no caso, quando explode o movimento da Cabanagem e criam-se condições para se rediscutir os vazios que possibilitam entender a problemática da modernidade na região no seu principal polo urbanístico e comercial no início do século XIX, quando o Brasil se torna independente politicamente de Portugal, e o Grão-Pará, de um modo geral, tem dificuldade para aceitar essa separação.

Diante da magnitude da proposta de resgate souziano daquele período histórico, podemos retomar Bakhtin (1993, p. 167) que nos diz que “a linguagem (literária) é uma representação de uma visão de mundo de caráter humano e (também) uma hipótese possível do sentido”. Por isso, não é gratuita o modo que uma proposta de romance histórico caracteriza suas personagens em jogo de maneira muitas vezes ambivalentes diante do fato conhecido, porque só novas formas de linguagem têm recursos para mostrar outras maneiras de compreensão da realidade sócio-ideológica em um amplo leque semântico, principalmente por meio de seus diálogos ou monólogos ou enquadramentos dramáticos. Cada palavra enunciada ou omitida representa uma pluralidade de significações de um contexto histórico e ficcional que se entrelaçam para supor mais enfrentamentos interpretativos. Deste modo, o aluno tem condições de localizar como um leitor-aprendiz². Um sujeito pronto a transitar entre o fato e a ficção de maneira cada vez mais madura, a cada passo acompanhado, de maneira atenta, pelo seu professor da disciplina.

Márcio Souza, por outro lado, revelou-se nas últimas três décadas do século XX como um dos principais nomes da literatura regional amazônica, a ponto de superar todos os rótulos, inclusive o de regionalista. Sua produção ficcional, no entanto, nos últimos anos, foi se tornando escassa, mas nos deixou *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* como um projeto de grande ambição histórica e ficcional, iniciado desde o final dos anos 1990. Com esse projeto, ele intenta emular com *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, no afã de encontrar um lugar de destaque na história do Brasil para a Amazônia de igual relevância, como a que o autor gaúcho conseguiu para o Sul do país; sim, uma história desconhecida do grande público, inclusive para os próprios moradores do Norte, pré-advento da cultura da borracha e que levou a um dos movimentos populares mais extraordinários e violentos do Brasil, a Cabanagem. Resultado da insurgência dos moradores da província que se rebelaram diante do descaso a que ficaram relegados pela Coroa Brasileira, entre disputas político-administrativas da elite local e a intelectualidade idealista. Um momento muito complexo que produziu

² O termo aprendiz é aquele que depende da mediação do outro. Foi utilizado no XII Congresso Nacional de Educação- Formação de professores, complexidade e trabalho docente, PUCPR 26 a 29/10/2015.

importantes indagações até hoje. O projeto de Márcio Souza é gigantesco, e isso talvez explique o fato de que ele tenha relutado em publicar o último volume da série: *Derrota*.

Entre outros aspectos que se tecem sobre a Amazônia, o que marca este trabalho são as vozes dos narradores que ajudam a compor um grande mosaico particular de avanço cronológico e o papel que os enredos desses romances tenta ocupar em relação ao espaço e tempo, rememorando situações sociais, culturais e históricas de maneiras muito próprias. Como diz Carvalho, “a história pode ser uma estória mal contada”. (2005, p. 240) Assim, por outro lado, teriam as narrativas ficcionais a capacidade de resgate das referências fragmentárias das vidas humanas representadas nas obras num contexto social e cultural ainda mais vibrante diante dos acontecimentos do passado.

Um dos desafios deste trabalho é ter habilidade para manusear as questões que de alguma forma particularizam a região a partir da Cabanagem, procurando compreender a maneira como o escritor tomou para si a responsabilidade de não deixar cair no esquecimento determinados fatos, em comparação com outras versões dos mesmos eventos historiográficos repassados automaticamente por inúmeros livros de história.

Nesta relação fronteira entre formas de discurso, discutida no primeiro capítulo intitulado *Literatura e História*, mostrará como os romances *Lealdade*, *Desordem* e *Revolta* intimamente dialogam com as fontes que os inauguraram, percorrendo cronologicamente os acontecimentos e estabelecendo uma espécie de concorrência com o próprio discurso histórico para ocupar os espaços vazios deixados por ele, destacando a percepção dos narradores sobre o levante da Cabanagem no século XIX. Para tanto, os conceitos bakhtinianos de dialogismo, plurilinguismo, por exemplo, são fundamentos teóricos que nortearão a reflexão sobre a construção dos personagens nas narrativas em estudo e os aspectos que dizem respeito às controvérsias que envolvem a relação história e ficção, nesse caso, tomo como base os estudos de Hayden White que reflete profundamente sobre os limites que os discursos da historiografia estabelecerem entre ciência e arte.

Na segunda parte, *Literatura regional da Amazônia e o ensino*, refletirei sobre alguns dilemas envolvendo o ensino de literatura na região Norte como uma tentativa de compreensão da natureza fragmentária e complexa da Amazônia, confrontando os pontos de indeterminação que poderão ser preenchidos pelo leitor-aprendiz por seu

desejo de conhecer mais por meio de uma orientação de leitura atenta³. A literatura, nesse caso, promove as condições de embate para a produção de significações novas que devem ser acompanhados *pari passu* entre docente e discente.

Em *Sobre literatura*, Umberto Eco esclarece sobre os elementos que envolvem as possibilidades de sentido no exercício de enfrentamento:

A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual (...) de uma obra literária pode-se fazer o que queira nela lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades, da linguagem e da vida. (2003, p.12)

Diante dessas possibilidades, a leitura pode ser um processo tão importante quanto a escrita de uma obra, pois se encontrará por meio dela uma troca com o leitor de dinâmica de sentido, busca de significado a partir dos significantes verbais e não verbais que estão ao lado do testemunho histórico, social, cultural e até religioso. A escrita souziana nos romances bases deste estudo permite uma discussão mais aberta sobre fatos que compõem a Guerra Cabana, dando voz até aos silenciados que a história não conseguiu descrever por meio das margens a que eles foram submetidos, além da invisibilidade habitual.

Em *A literatura em perigo* (2009), Todorov lembra da importância de ir além no sentido de olharmos para obras, lembrarmos que elas existem sempre dentro e em diálogo com um contexto. Esses diálogos são vestígios que o aluno, a partir das suas vivências iniciais, mesmo muito jovem, poderá captar em uma interpretação mais ampla e muito mais significativa para sua formação e informação pessoal como leitor-aprendiz os fatos em conformação dramática que enfeixa os romances em tela.

João Carlos de Carvalho, em *Amazônia Revisitada: de Carvajal a Márcio Souza*, diz-nos que a Amazônia “descobre-se a cada dia a capacidade de restituir o que foi destruído, de procurar um equilíbrio essencial à nossa sobrevivência, de fazer do imenso espaço verde um desafio à capacidade humana de superação”. (2005, p. 20) A literatura tem papel importante nessa restituição na própria história da humanidade, pois ela é fruto dos dilemas inerentes ao ser perpassado por duas realidades: a real e a imaginária, em um nível de desafio cognoscente extraordinário, o que, na verdade, são os dois lados

³ Francine Prose no livro *Para ler como um escritor*, utiliza o termo leitura atenta (*close Reading*). O livro publicado em 2008, editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

de uma mesma moeda, pois nos faz perceber mais de perto a fabricação das realidades por meio do discurso.

Diante disso, entrar em contato com o processo de leitura amadurecida é o primeiro ponto importante para um mergulho nas interfaces proporcionadas pela literatura e do aprendizado que se pode auferir dela em contato direto com os eventos históricos. Essa crença faz com que acreditemos que a literatura tenha um valor imprescindível na formação do aluno de ensino médio e que, sem ela, ou sem o apoio de uma leitura que ajude a enfrentar uma realidade discursiva mais elaborada e desafiadora, o aluno terá dificuldades de subir degraus maiores de desafio de inserção num mundo competitivo, onde a multiplicidade de vozes em voga coloca em xeque a compreensão das realidades em dinâmicas cada vez maiores e exige respostas discursivas bem embasadas.

Com a compreensão de que o exercício da leitura envolve um projeto de parceria entre aluno e professor, retomamos o autor de *Problemas da poética de Dostoiévski*, quando ele nos diz que “a linguagem é um sistema que se ilumina mutuamente, dialogando”. (BAKHTIN, 1993, p. 115) Em outras palavras, o autor dialoga com suas personagens, suas personagens com ele e o leitor com ambos reconstruindo o seu próprio percurso de compreensão. Uma relação de visões muitas vezes opostas sobre a realidade, mas que demonstra o fluxo contínuo existente pela linguagem desafiadora da literatura. Com o professor, o aluno tem a oportunidade de mensurar os objetivos *a priori* do exercício de leitura e com isso conseguir muito mais consistência para uma memória futura.

O diálogo de múltiplas linguagens ou discursos (históricas, sociais e culturais) pode ser explorado, mostrando que a problemática proposta pelo autor manauara é resultado do encontro de dois brasis com desejos e visões diferentes, ainda no século XIX. E pela inserção problemática das personagens, no olho do furacão do levante da Cabanagem, onde o leitor é chamado a conhecer toda atmosfera do período daquela revolta popular. Como Bakhtin (2006) definiu o dialogismo como a interação verbal capaz de guardar todas as nossas intenções, temos que entender que cada personagem guarda seu aspecto ínsito de lidar com os fatos e a fabricação de sentidos que o leitor-aprendiz terá de lidar para criar o seu próprio percurso junto com o professor. Dessa maneira, o contexto do movimento social cabano foi propício para controversas discussões em torno das mais variadas questões, entre elas, os que defendiam o desenvolvimento a qualquer custo da

região e o desligamento do Grão-Pará da província do Brasil, e, do outro, os que abraçaram a causa da anexação com o mesmo afinco. Esses fatos implicam um desafio de compreensão mútuo em sala de aula, sendo compartilhado de acordo com os interesses de andamento do exercício de leitura orientada, onde texto e contexto andam lado a lado.

A trilogia de Márcio Souza interessara-me não só por voltar-se para a temática amazônica, mas porque o encadeamento cronológico da história apresenta uma carga subjetiva muito particular em relação às pessoas que vivenciavam um contexto social muito indefinido. Na verdade, essa indefinição acabou fazendo parte da linguagem literária amazônica que se viu sempre entre dois polos de enfrentamento: a ideia de civilização importada e aquilo que construiríamos a partir dessa matriz dentro dos parâmetros nativos. Em suas realizações críticas e estéticas, Márcio Souza conheceu um espectro diversificado de ciências. Articulou com proficiência suas ideias, transitando entre ser professor, dramaturgo, historiador, cineasta e ficcionista. Nutriu fascínio pelas potencialidades de decodificar as tensões da região Norte, consciente de sua historicidade, mas sensível ao encontrar na arte às diversas formas de expressão regional da grande planície verde e urbana. O que aproxima o leitor da linguagem regional das comunidades dos séculos XIX e XX, arrisca a construir um rosto com os escassos recursos, mas que sobrevive até hoje, claudicando entre os hiatos a serem preenchidos por novos olhares atentos e que queiram mergulhar em seu passado.

Após tal abordagem, ainda na segunda parte intitulada *Literatura regional da amazônia e o ensino*, desenvolve-se um outro ponto que diz respeito a uma proposta reflexiva de leitura que possa ilustrar uma investigação criteriosa com possíveis maneiras de interpretação. Como a linguagem dialógica do romance⁴ pode nos fazer retomar, ou reler, pontos que nos levam ao reinício de todo um percurso historiográfico que depende cada vez mais do olhar sensível do leitor-aprendiz. O que pode ou não tirar os véus que opacionam nossa maneira de compreender e interpretar as narrativas, especificamente, como a atividade criativa dos ficcionistas que contribuem para o ensino da nossa língua, nossa história, ou as “estórias” oralizadas, que por muito tempo desenharam uma parte do país tão longe e tão desconhecida mesmo no século XXI, do

⁴ Bakhtin nos ensina que o dialogismo no romance não é direta, mas intermediada por um narrador-orquestrador.

resto do Brasil e do mundo. Por isso, a categoria do leitor-aprendiz terá importância superior neste trabalho, pois a interpretação deixará de ser um bicho de sete cabeças para se tornar uma aventura de conhecimento proposta pelo próprio poder evocador dialógico dos romances históricos em tela por meio da relação professor-aluno/livro-leitura atenta. A seleção dessas obras se tornará um instrumento imprescindível para que essa relação professor-aluno, em aulas de português e literatura, deixe de ser permeada por burocracias estéreis de estímulo-resposta, pois não provocam a memória do leitor-aprendiz a reter os detalhes e fragmentos essenciais que ligam o texto ao contexto. Lidando com fatos que dizem respeito à sua formação identitária, o leitor-aprendiz terá condições de construir com vigor um percurso de aprendizagem mais duradouro.

Dessa forma, na última parte, *Márcio Souza e sua pedagogia dialógica*, encontramos os narradores e os conflitos de enquadramento para traduzir a dinâmica histórica daquele período turbulento. Desse modo, deixar falar Fernando, Simone e Maurício, os narradores, por meio de suas subjetividades em relação ao povo e aos fatos da região, por meio de suas estratégias de compreensão da realidade dando conta de uma certa dinâmica de vozes históricas e sociais, tornar-se-á um desafio de evocação estrutural da própria projeção da arquitetura da trilogia a partir do autor-orquestrador que organiza todo o processo de construção ficcional das vozes em confronto. É com essa intenção de juntar pontos extremos em construção que a Amazônia foi também personagem principal e cenário em um momento ímpar de sua construção discursiva, preparando-se para a modernidade.

O que interessa mormente é a capacidade dos narradores enfrentarem os fatos como uma sucessão que envolve a todos, famosos ou anônimos, e isso dá, à matéria literária propriamente dita, a sua independência ao articular os próprios fatos. De alguma forma, parece que sempre ficamos à mercê de uma se sobrepôr à outra, no entanto, a trilogia de Márcio Souza impõe um ritmo próprio, em que os narradores nem sempre são aqueles mais confiáveis ou exemplos de conduta para se chegar a uma construção de uma chamada história mais “verdadeira” e isso deixa margem para o leitor-aprendiz juntar os fragmentos com mais atenção ao lado do professor que o ajuda a juntar os estilhaços do todo.

Segundo Maria Cláudia Mesquita, em *Intertextualidade em Lealdade* (2008, p. 2), a história na obra de Márcio Souza é sempre interpretada pelos narradores e o discurso

ficcional, ainda que não busque uma representação realística dela, sempre faz referência aos fatos, efetivando uma releitura do passado, mesmo que esses eventos estejam congelados. A partir dessas releituras, surge a dificuldade em separar a referência que ligaria a ficção do mundo literário ao “mundo real”. Há uma distinção entre fato descrito pelo discurso da história e o acontecimento a desenrolar ficcionalmente que é estratégico para novos saberes e reflexões.

Em *História da Amazônia* (2019), Márcio Souza embasou sua trajetória nas influências que recebeu de autores que vieram antes dele, historiadores ou mesmo ficcionistas, misturada às suas vivências na região, buscando os hiatos deixados pelos discursos que apenas aparentemente homogeneizaram todo um modo de ser. Tomando o antropólogo Claude Lévi-Strauss, este nos mostra que a Amazônia é um

...grande e isolado seguimento da humanidade (que) consistiu de uma multitude de sociedades, maiores ou menores, que tiveram pouco contato entre si e, para completar as diferenças causadas pela separação, há outras diferenças igualmente importantes causadas pela proximidade: o desejo de se distinguirem, de se colocarem à parte, de serem cada uma delas mesmas. (STRAUSS, apud SOUZA: 2019, p. 38)

Mesmo com os estigmas voltados para a região, a diversidade que compõe o lugar é o que deveria ser ressaltada, segundo o famoso antropólogo. Márcio Souza procurou nos seus romances uma ponte entre o passado e o presente, em que compreende a Amazônia como um discurso em construção. A ficção se torna o instrumento capaz de criar um conjunto de estratégias que se entrelaça à história, permitindo um resgate sem limites. Por isso, pode-se dizer que a dicotomia que dominou boa parte do século XX na região, entre preservacionismo e desenvolvimentismo, por exemplo, se sustentou muito mais em relatos do que propriamente em dados científicos.

Márcio Souza em suas obras transformou a Amazônia no centro de frutíferas temáticas em que a ficção de alguma forma concorre diretamente com o discurso da história. A região por seu isolamento no século XIX produziu fronteiras que são quebradas a todo instante na contemporaneidade. Com registros documentais insuficientes, capazes de reconstruir momentos lineares da própria perspectiva historiográfica, obrigou o escritor amazonense a recontar pelo viés ficcional o que o discurso da história esqueceu ou deixou esparso.

Em sua obra *A expressão amazonense*, dos anos 1970, essa dificuldade já era relatada pelo autor:

Não foi fácil enfrentar uma bibliografia rara e uma documentação esparsa. Foi duro ler um romance de Álvaro Maia e não foi sem desagrado que se atravessou os promontórios de estilo do Barão de Sant'Anna Nery, nem as escarpas de Alberto Rangel. Foi preciso muita paciência para suportar as bobagens de Rodrigo Costa ou as aberrações de um João Leda. Mas foi uma trajetória fundamental e que mal começou. (1977, p. 18)

Ele demonstrou nessa passagem que desde o início de sua trajetória intelectual, nunca deixou de dialogar com o passado amazônico no torvelinho dos liames entre o discurso literário e o discurso histórico; e, no caso, suas personagens na trilogia caracterizam muito bem essa visita ao passado por um novo olhar mais emblemático, que implica uma espécie de eterno retorno. Assim como os demais aventureiros, esse escritor “também foi nutrido pelos mais diversos afluentes e procurou, por conta própria, represar o que mais lhe interessasse. Sua concepção de Amazônia supõe um encontro visceral com todas essas fontes”. (CARVALHO, 2005, p. 207). Assim, como Euclides da Cunha tentou pela percepção sociológica “imprimir à paisagem amazônica o homem em confronto com a terra e consigo mesmo, numa relação de intriga entre o seringueiro e o seringalista”. (SILVA, 2017. p. 93) Percebe-se um elo entre a experiência vivida com o estudo dos acontecimentos de maneira radical no escritor manauara.

Deste modo, a partir das vozes dos narradores presentes nos romances *Lealdade*, *Desordem e Revolta*, é possível chegar a uma compreensão mais aprimorada sobre o funcionamento da relação do discurso da história e do discurso da ficção, como também perceber que, nesse caso, a literatura de expressão amazônica se construiu e ainda se constrói a partir do imaginário dos primeiros viajantes, seguindo e mantendo uma tradição que perdurou ainda hoje, estabelecendo uma espécie de concorrência com o próprio discurso da história. Por fim, acredito que a ficção histórica é mais que pertinente na formação do que chamo de leitor-aprendiz, sobretudo, por constituir de certa maneira uma proposta de acompanhamento para recompor a realidade histórica a partir de uma visão de construção identitária, despertando novos interesses no receptor. A ficção se alimenta do discurso da história e vice-versa, e o leitor-aprendiz tem que saber lidar com essas fronteiras. Os romances de Márcio Souza são exemplos desse mosaico que é a construção histórica muito particular da Amazônia, pois investe

decisivamente numa maneira própria de perceber o fenômeno da Cabanagem por óticas subjetivas capazes de circundar o caótico estado de coisas vivido à época. Portanto, ao ter como principal base o olhar voltado para o percurso discursivo histórico e ficcional das personagens souzianas, acabo por estar também comprometida a enxergar os recortes como uma tentativa de expressar uma potencialidade, às vezes, esquecida por nós que nascemos e moramos aqui. Como diz João Carlos de Carvalho, num espaço geograficamente sugestivo ao imaginário de ocupação, em que batalhas de relatos se travaram para afirmações ideológicas de diversos matizes, a “Amazônia surge, ainda no século XXI, como uma sedutora sereia capaz de encantar aos mais sedentos viajantes.” (2005, p. 52) No caso, seja pela beleza natural ou pela sua diversidade de histórias, ou mesmo pelos perigos imaginários ou reais.

1. LITERATURA E HISTÓRIA

Como útero prolífico, essa região guarda mais biomassa que qualquer outro hábitat da Terra.

Márcio Souza

1.1 A Amazônia e as fronteiras ficção e história

A necessidade de pensar em conjunto a literatura e a história é uma linha fronteira que problematiza a relação entre a linguagem e o “real” em graus particulares de percepção. Com isso, o texto literário pode passar também a ser visto como fonte documental e a história como referencial significativo do texto narrativo em termos de enfrentamento de novos sentidos. Isso só se torna possível a partir das discussões que se desenvolveram ao longo do século XX, principalmente com o confronto com a ótica positivista.

À medida que o discurso da história passou a ser comparada à literatura nessa busca pelo “real”, encaminhou-se a uma compreensão entre os pontos congruentes e divergentes das duas manifestações que já estavam caracterizadas no século XIX, por exemplo, com Walter Scott, criador do romance histórico, que por sua vez tinha em sua base romanesca a continuação do romance social realista do século XVIII.

Hayden White, na obra *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*, mostra que o discurso histórico também possui conteúdo de trabalho poético:

Nessa teoria trato o trabalho histórico como o que ele manifestadamente é: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. As histórias (e filosofias da história também) combinam certa quantidade de “dados”, conceitos teóricos para explicar esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados (2019, p. 11)

White aproxima as narrativas às ficções verbais, revelando como uma obra literária em diálogo com os “fatos” contribui para novas realidades, desconsiderando que possamos só com o discurso histórico ou documental atingir o princípio do real, ou seja, considera que a restituição da história é ao mesmo tempo uma atividade poética, científica e filosófica (2019, p. 15). É também um processo feito a partir da análise da

construção dos textos e por ele é possível compreender as principais formas de consciência histórica. Ao estudar os pontos fronteiriços entre as ciências, Hayden White mostra que a história tem muito mais pontos em comum com a literatura do que com discursos dependentes de meras fontes “fidedignas”.

Pode-se dizer que o discurso historiográfico, mesmo tendo a exigência de reproduzir o estritamente “real”, pode estar preso a determinadas ideologias⁵. Como diz Marilene Weinhardt: “o passado é uma empresa do imaginário, seja no plano da história, seja no da criação literária, mas cada discurso preserva sua identidade.” (2002, p.105)

Essa tentativa de repetir os fatos remete a um carácter provisório de confiabilidade no discurso denotativo- representativo por sua característica de incompletude. Segundo ainda Marilene Weinhardt (2002),

já houve tempo em o que ficcionista pode ter invejado o historiador ou, pelo menos eventualmente, tenha se sentido inferiorizado por não dispor dos mesmos recursos, isto é, da intimidade com os documentos, para alcançar o que se supunha ser o acesso à Verdade, uma entidade com existência própria. A crença na transparência da referencialidade histórica e na neutralidade do discurso dito científico era incontestável, desprezando-se ou fingindo-se ignorar as sombras que turvavam essa translucidez. O trabalho do ficcionista também pode ter sido objeto de desejo da parte do historiador, por seu aparente descompromisso, sua liberdade com o mundo que cria. (p. 105)

Pode-se apreender que há uma guerra de discursos muito própria da formação humana. A literatura, nesse turbilhão discursivo, é parte das reflexões sobre o mundo e sobre si mesma, ou seja, pode ajudar a recriar o passado. Por ela somos capazes de resgatar consciências anteriores por cada sujeito ser fruto de sua exposição ao meio. O historiador, assim como o literato, insere-se em um contexto que influenciará diretamente em suas composições em uma problemática própria e muitas vezes idiossincrática.

Essa é uma das razões de alguns acontecimentos serem privilegiados em detrimento de outros. Somos frutos do imaginário, das tramas, das alegrias e traumas que os impactos fatuais nos causam. Somos frutos de colisões inesperadas, e a nossa percepção

⁵ Ideologia seria qualquer conjunto de crenças motivadas por interesses sociais. Definição encontrada no livro *Ideologia* de Terry Eagleton (EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997).

de história depende da maneira como estamos preparados para ler os estímulos. Se olharmos para Márcio Souza, em *A expressão Amazonense*, ele já questionava o viés histórico predominante sobre a região:

A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira. Pouco estudada, verdadeiramente abandonada, com uma bibliografia parca e documentação rara e saqueada por inescrupulosos que se julgam proprietários do passado. Uma história escrita com a letra minúscula do preconceito e da distorção mentirosa. (1977, p. 17)

O olhar crítico souziano compreende a Amazônia descrita pelo olhar do colonizador que transplantou a historiografia oficial, apagando a existência da diversidade de línguas, culturas e que, geograficamente, isolou a região do resto do país. Márcio Souza é fruto dessa concepção de uma nova consciência de um povo a nascer de sua autoconsciência individual e coletiva. Sua escrita de discurso histórico se confunde com o ficcional, e questiona os matizes que a enfeixem de recursos próprios cada campo, em que só o discurso documental não bastaria para confrontar os desafios entre as verdades do colonizador e os valores locais.

Neiza Teixeira menciona em *Cultura Amazônica*, de João de Jesus Paes Loureiro, que

qualquer autor que se aventure a escrever sobre a Amazônia, seja no campo da poesia, da prosa, da filosofia, da história ou das demais ciências, não deixará de se deparar com a Amazônia construída pelos estrangeiros, portanto com uma terra oriunda da junção e vestígios das mais variadas origens, com despojos ou o mais profundo de cada homem que, para cá, a favor ou contra a sua vontade, veio. [...] É, portanto, de uma terra alegórica, no sentido de estar coberta por adereços e disfarces, mantenedora de fantasias, sentimentos e desejos outros, enfim, de uma terra-simulacro que se fala. (LOUREIRO, 2015, p.11)

Essa nova compreensão fez com que a literatura contrastasse as “verdades” transplantadas, e talvez tenha sido a necessidade de confrontação que, por meio do romance, no percurso dos séculos da construção discursiva da Amazônia, possibilitou o questionamento das bases da translucidez histórica até o momento em que Márcio Souza revisitou todos os esparsos documentos disponíveis, já na década de 1970.

O romance na sua complexidade e aprofundamento, por meio da compreensão de Mikhail Bakhtin, enquanto construção narrativa, conciliou os diferentes diálogos pertencentes à condição humana na fabricação do seu legado artístico. Esse teórico, melhor que ninguém, conseguiu o entrelaçamento entre a realidade social, política, geográfica, linguística e cultural em uma nova dimensão compreensiva da dinâmica da

linguagem prosaica como nenhum outro. Mostrou que cada manifestação discursiva é capaz de compor diferentes vozes de um mesmo fragmento da realidade, por exemplo. Cabe, também, até certo ponto, o historiador reconhecer sua inevitável parcialidade, já que, de alguma forma, sua perspectiva ideológica, sua maneira de conceber a realidade, interfere na maneira de compor sua história “dita verdadeira”. O discurso da história, nesse sentido, pode muito bem participar das invenções ficcionais que tão bem cabem no romance, não o tornando menos falso por isso, lidando com a multiplicidade de valores por meio das vozes.

A literatura é uma das artes que representa o dinamismo da condição humana em alto grau, pois assume os diversos saberes de construção na sua força representativa, enquanto linguagem altamente elaborada. Como o discurso da história, a narrativa literária revisita e refaz passados, podendo assumir atitudes sarcásticas irreverentes, não se distanciando de um equilíbrio entre seus dramas, com força emotiva e muitas vezes humor, o que não descarta sua influência em que até certo ponto concorra com a tradição do discurso histórico sob outros aspectos. “A história e literatura são como campos abertos a confrontos e trocas, o que aponta que a história pode ganhar poesia e a poesia uma parte do real”. (CARVALHO, 2005, p. 139)

Por essa razão, o discurso ficcional é sem dúvida válido para a utilização de pesquisas para se compreender uma determinada sociedade em um tempo e um espaço. Mesmo que não seja como prova cabal, inquestionável, mas como pista para entender-se um pouco mais o que seja o real, ou próximo disso. Até certo ponto, pode-se usá-lo para contestar e problematizar o que é posto como “verdade”, porque a “história é também um discurso narrativo, uma linguagem que não é nunca total”, (TELES *apud* TODOROV, 1972, p. 139)

Em relação à história da Amazônia, muitos pontos de indeterminação são reconstruídos a partir das obras literárias, podemos constatar. Só ela foi capaz de preencher os vácuos deixados pelo discurso histórico que muitas vezes negligenciou pontos importantes da formação local; como nos disse Márcio Souza, essa construção discursiva se baseava em um material disperso e confuso. Por ela, a região amazônica é particularizada por sua imensidão tanto geográfica como por histórias dos que se aventuram a viver e conhecê-la.

A Amazônia moderna está intimamente ligada à exploração do látex, iniciada na segunda metade do século XIX. As cidades de Belém e Manaus, principalmente, ainda guardam os reflexos da *Belle époque* na arquitetura europeia que para lá foi levada com o enriquecimento dos barões da borracha. A vinda de migrantes nordestinos, como mão de obra barata, tornou possível as fantasias de luxo e desperdício de um período. Um período em que a extração da borracha e o comércio financiavam a vida da elite amazonense e paraense. Todo esse *boom* da borracha configurou, por um lado, uma Amazônia urbana, com trajes europeus e óperas magníficas em um grande teatro e, por outro, a selva, onde viviam os caboclos, índios e os seringueiros que apenas nutriam a esperança de melhorar de vida.

É esse contexto dicotômico que atrai grandes nomes da nossa literatura, já no início do século XX. Um dos primeiros nomes importantes nessa configuração é Euclides da Cunha que caracteriza o seringueiro na sua condição de explorado pela primeira vez. Sua linguagem histórica se baseou no seu próprio testemunho, o que misturou percepção sociológica e literária para descrever a região geograficamente. Essa herança euclidiana, a partir da economia da borracha, delineia o discurso de carácter regional na Amazônia sob um ponto de vista mais sofisticado.

Na Amazônia, os ficcionistas colidiram inevitavelmente na aproximação entre o discurso ficcional e histórico. Mesmo com suas peculiaridades, os discursos são complementares. E a literatura se torna testemunha da história local numa dimensão nunca vista ao longo das décadas. O ficcionista “cria” suas narrativas a partir de seus próprios enredos, que podem, inclusive, ser interpretada pelo lado do historiador, com ou sem documentos. Ao utilizar recursos literários para registrar “sociologicamente” a Amazônia, Euclides da Cunha abria brechas importantes para todos os ficcionistas e ensaístas que surgiriam depois dele. Nunca mais literatura e discurso histórico se apartariam para recontar as sagas amazônicas no Brasil ao longo do século XX.

Márcio Souza foi o primeiro a questionar o discurso oficial sobre a região, como vimos. Para o autor, ao se dirigir particularmente a seu estado natal no livro *A expressão Amazonense*, havia uma necessidade de se pensar criticamente o Amazonas. Em suas palavras “como um amazonense pode ser brasileiro sem conhecer criticamente o seu passado, sem compreender as contradições do processo em que está envolvido? O que teria sido, realmente, o processo histórico do Amazonas?” (1977, p. 17)

Foi com essas ideias que o autor começou a desenvolver uma escrita ficcional satírica e consequentemente crítica em uma clara provocação ao passado. Um exemplo reconhecido nacional e internacionalmente é seu romance folhetinesco *Galvez, imperador do Acre* (1977), em que usa, em parte, a história da anexação do território do Acre ao país no final do século XIX para recriar um delírio de poder de posse na região. Sua sátira traz um olhar original sobre fatos históricos na figura reconhecida de Luíz Galvez Rodrigues de Aria(s) que ocupou o Acre em 1899, fundando um estado independente.

Galvez, imperador do Acre é o grande deboche de um momento particularmente precioso a fim de se entender como se deu, e ainda se dá, a relação do Brasil com as suas periferias”. (CARVALHO, 2005, p. 244) A maneira discursiva souziana caracterizou, na verdade, uma metaficção histórica. Ou seja, o discurso metaficcional souziano possibilitou muitos questionamentos dos fatos por meio dos recursos carnavalescos e literários que compõem suas obras. O conceito de metaficção historiográfica mencionado pertence à autora Linda Hutcheon, na obra *Poética do pós-modernismo* (1991).

Em *Mad Maria* (1980), terceiro romance de Márcio Souza, o autor narra o momento histórico da construção da ferrovia Madeira-Mamoré sob no mínimo duas perspectivas. Por um lado, os homens construtores que sofrem as desventuras impostas pelo ambiente hostil da floresta; personagens fictícios que representam a saga e a trama vivida por personagens reais. Por outro, um momento político brasileiro da alta sociedade do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, que vivia em um conflito e intrigas políticas. Hoje, no século XXI, um pequeno trecho da via-férrea é ainda mantida no Estado de Rondônia como retrato de um momento de decadência de todo um período. Porém, no século XIX, a imagem do próprio trem representava o símbolo da modernidade. Para a região esse aspecto civilizatório sem dúvida carregou um peso maior, por ser jogado

sobre os ombros da Amazônia a responsabilidade de construir a sua própria história, de uma gênese sempre pronta a se inaugurar diante de qualquer sinal civilizatório. Sendo assim, a “região sem história” precisava do crivo legitimador do progresso técnico, de uma ousadia marcante e capaz de superar o caos inercial. (CARVALHO, 2005, p. 266)

Foi com Márcio Souza e suas produções contestadoras com críticas sobre “as verdades” históricas que se desenhou um novo perfil intelectual e ficcional local. Ele é

um dos mais conhecidos escritores de literatura com temáticas amazônicas por mostrar a condição e os problemas humanos da região em um grau que problematiza todos os pontos de vista herdados. Na verdade, ele amplia o objeto (o contexto histórico) por meio da ficção quando escreve seus romances, produzindo novas possibilidades de preenchimento com a imaginação mais livre. O escritor amazonense colocou em cena um número de imagens, ressuscitou vozes contraditórias ou não capazes de remontar as diversas realidades que ajudaram a construir discursivamente a região. Esse novo olhar foi um regaste que, tratando-se de uma literatura regional⁶, de certa forma, podemos dizer que tomou também um caminho de carácter descritivo e documental muito próprio. Esse mesmo percurso será enfatizado em outras obras dele que sequenciam nos anos 1980 até 1990, com a *Resistível ascensão do Boto Tucuxi*, *A caligrafia de Deus* e *O fim do Terceiro Mundo*, encerrando uma primeira fase fértil de sua produção. Em 1997, ele inicia a publicação do que seria a sua tetralogia, ainda incompleta, *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*. Uma nova aventura ficcional-histórica, propondo uma revisita ao século XIX quando a Amazônia não era dividida em estados, precedendo ao advento do Ciclo da Borracha e encarando sinais de ruptura traumática com a sua relação íntima com a Europa. Como veremos, essa nova fase de sua produção ficcional, teremos um Márcio Souza ainda inventivo, no entanto, mais preso aos documentos da época para acompanhar os acontecimentos que envolveram o movimento da Cabanagem.

As obras souzianas, em geral, mergulharam em temas e contextos que, ao longo do tempo, ajudaram a compor um reflexo da formação da região, seja pelo viés ficcional ou mesmo do discurso histórico. Em sua *História da Amazônia*, Brigitte Thiérion no prefácio destaca um dos ensinamentos que o próprio Márcio Souza atribui à Amazônia ao se estudar seu passado:

A Amazônia, afirma Márcio Souza, pode nos ensinar mais ainda sobre a nossa condição humana. Ouvir vozes dos pajés possibilita o entendimento de um pensamento que valoriza o diálogo com a natureza, e respeita o meio

⁶ O autor João Cláudio Arendt diz que um dos traços mais marcantes da literatura regional é a defesa de valores como a linguagem, os tipos humanos, os costumes e a relação telúrica com a terra. Ou seja, “a literatura que se assume regionalista costuma qualificar uma região por meio da representação positiva das suas regionalidades. Ela se alia ao regionalismo com a intenção programática, tais como: preservar ou revalidar uma linguagem e um conjunto de hábitos em vias de extinção[...]” (ARENDRT, J. C. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. Todas as Letras Z. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2005. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420>)

ambiente para que a humanidade possa sonhar num futuro possível [...] Falar de Amazônia é falar da história do mundo em processo de globalização, porque o interesse pelo famoso Eldorado favoreceu desde sempre o contato com os representantes dos diversos povos que tentaram anexar este território. (SOUZA, 2019, p.17)

Os ensinamentos amazônicos, nas suas diversas configurações, metaficcionais ou não, trazem sempre à tona novas verdades. Muitos dos registros, principalmente, os ambientados no período da borracha, primeiro ciclo 1877 a 1912, revigorando-se em um segundo e curto momento entre 1942 a 1945, compreendem a borracha como protagonista de um momento histórico e as pessoas apenas como coadjuvantes. Em alguns casos, as narrativas denunciaram a questão social, em outras, registraram apenas para certas características do *modus vivendi* de uma comunidade. Em outras palavras, a literatura libertou em suas linhas as vozes não dos acontecimentos em si, mas de uma região inteira, com todas as suas particularidades humanas, que sempre ansiou por um lugar na história e ampliou a chance de ser ouvida nos quatro cantos do país ou do mundo.

Autores como Abguar Bastos, José Potyguara, Miguel Ferrante e Florentina Esteves, entre outros, podem ser citados em um conjunto de expressões locais, cada um a sua maneira, como contribuintes para uma compreensão mais ampla do cenário amazônico e sua história. Eles procuraram esculpir os traços locais, em uma literatura que propõe contornos próprios mesmo dentro do viés naturalista, e não na forma mais inventiva como o fez Márcio Souza, mas é interessante perceber que a própria literatura se refaz por meio dos questionamentos dos seus limites em uma linha fronteira entre vários pontos: selvagem e civilizado; floresta e cidade; história e ficção, seja por qual via estilística se optar.

A literatura ficcional de expressão amazônica surge com o objetivo de preservar memórias, histórias e estórias, e ao mesmo tempo sobrevive do poder de criar as imagens metafóricas a partir do retorno às origens de um mundo constituído pela originalidade da invenção do lugar a partir da gangorra ótica do colonizador (espanto) com a ótica nativa (assimilação). “A memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem a sua resistência”, ou seja, “o simbólico e o real são recriados na sua relação mútua.” (SILVA-SELIGMANN, 2003, p. 52).

Essa tentativa de mosaicar por meio de uma colcha de retalhos os fragmentos das histórias/estórias amazônicas em suas mais diferentes manifestações concorrem para uma construção de uma literatura também fragmentária, em alguns casos, principalmente por autores que ainda não têm projeção nacional. Mesmo assim, segundo Romário dos Anjos Aires,

a Literatura de Expressão Amazônica é considerada “fragmento” de um aparato literário mais abrangente, nominada Literatura Brasileira. Uma literatura produzida no entremeio do regional e nacional, que propõe o fazer estético abrangendo características particulares dentro de um todo comum, qual o mosaico, que tem a beleza constituída por inúmeros e belos fragmentos. (2015, p.139)

Na tentativa de guardar as lembranças de tantas épocas entrecruzadas, a literatura dialoga com as histórias/estórias locais em uma narrativa crescente em que várias realidades se misturam, cada problemática tem o seu espaço a ser retratado e confrontado na complicação de tonalidades entre as várias personagens tipos que enfeixam a comunidade da grande planície.

1.2 Plurilinguismo bakhtiniano e uma literatura regional de expressão amazônica

Considerando a diversidade e variadas formas de manifestação das linguagens que o plurilinguismo se apresenta na prosa literária, em especial o romance, para abalizar melhor a pesquisa, utiliza-se um instrumental teórico bakhtiniano cujas observações estão centralizadas nos recursos mais íntimos da língua. Nas palavras de Brait, “a prosa constitui-se como um campo de luta, uma arena discursiva onde se é possível discutir ideias e construir pontos de vista sobre o mundo”. (2001, p. 154) Nesse sentido, os recursos da língua são empregados para conferir a densidade e a complexidade dos diálogos pertencentes ao romance; na nossa vertente, convida-nos a revisitar um sentido para a realidade histórica da região, por meio de sentidos que permeiam o discurso narrativo de uma literatura de expressão amazônica.

Ao observar as obras souzianas, pôde-se perceber os jogos de poder existentes entre as diferentes vozes dos sujeitos que compõem as narrativas consideradas como capazes de projetar uma herança discursiva em contato direto com os primeiros registros “oficiais”.

O gênero romance foi privilegiado por Mikhail Bakhtin, um teórico da literatura amplamente estudado no Brasil e que desenvolveu teorias que embasam numerosos textos sobre literatura. Nesse sentido, da teoria do referido pensador russo, para a realização da presente pesquisa, foi necessário recorrer ao conceito de plurilinguismo como particularmente importante para os estudos da linguagem do romance, por acreditar-se na prosa souziana como gênero pluridiscursivo. Notar-se-á que nas narrativas em estudo, falares plurilíngues, por meio de um entrecruzar de vozes, se costumam a partir de todo o processo discursivo que se dá pela harmonização entre o civilizado e civilizador, o antigo e o moderno.

João Carlos de Carvalho, na obra *Amazônia Revisitada: de Carvajal e Márcio Souza*, percorre os caminhos discursivos da expressão amazônica. Em suas palavras

a Amazônia é inaugurada discursivamente na expedição de Francisco de Orellana entre os anos de 1541-2. Viajava nessa expedição o frei dominicano Gaspar de Carvajal. Seu relato é o primeiro grande marco de conhecimento das terras ainda intocadas por espanhóis ou portugueses. A região é fundada sob os signos da violência e da fome. (2005,p. 69)

Desde o século XIX os ficcionistas revisitam continuamente a relação entre o homem e a floresta. Nesse regressar às origens narrativas, surgem novas temáticas, mas ainda fincadas nas raízes que é essa literatura. Indiscutivelmente, todos que se aventuram a escrever sobre a Amazônia revisitam sua história criada nos termos dos viajantes, seja no âmbito empírico, científico, histórico ou mesmo ficcional, fato que contribui para um dialogismo se manter vivo na percepção de um espaço que não para de se transformar significativamente a partir do mesmo, ao longo dos séculos. Sim, com o passar dos anos, ao confrontarmos tantos pontos de vista, há mudanças no contexto e no significado do que foi ou há e como foi dito ou calado.

Uma característica especial para se lidar com tanta massa verbal, diz Bakhtin que a prosa “torna o objeto, para o prosador, a concentração de vozes multidiscursivas” (1993, p. 88), ou o diálogo entre a fronteiras, um recorte da realidade, “uma palavra semi-alheia”. (1993, p. 100) Na originalidade de cada discurso, um diálogo que revela o caráter bivocal dos discursos. Nas palavras de Karin Bakke de Araújo, a

ênfase é dada à palavra bivocal especial, expressão do discurso plurilinguístico, que serve simultaneamente a dois locutores, exprimindo duas intenções diferentes: a intenção direta, da personagem que fala e a intenção refrangida, do autor. Nesse discurso estão presentes duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Essa bivocalidade, esse dualismo interno, está presente na raiz do romance, mas não na de outros gêneros, embora possa aparecer superficialmente. O discurso bivocal é sempre internamente dialógico em

todas as suas variantes: no discurso humorístico, no irônico, no paródico, no refratante do narrador, no refratante das falas das personagens, como também no discurso do gênero intercalado. (2014, p. 218)

A fala do locutor se apropria da voz de outrem, problematizando ou contestando-a. Podemos dizer, neste caso, que a literatura souziana está se construindo por meio dos conflitos e contradições discursivas a “coexistência de contradições sócio-ideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sociais”. (BAKHTIN, 1993, p. 98)

As penas impostas (isolamento, preconceito etc.) durante muitos séculos no discurso inaugurado pelo estrangeiro que trouxe seu modelo de vivência à Amazônia, ainda não foi suficiente para uma localidade que anseia por seu lugar e por sua linguagem. Por essa razão, todos os autores pertencentes à literatura de expressão amazônica, independente da visão ideológica, são marcos da expressividade local.

Como diz Bakhtin:

A expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes nem tanto – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com as quais polemizamos; são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou pelo contrário, conciliatório), etc. A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se se levar em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação locutor com os enunciados do outro (a entonação é um fato particularmente sensível e se refere sempre a mais além do contexto). (1992, p. 137)

Um texto conversa com outros textos, pois há sempre uma relação com uma força de atração ou rejeição entre eles; as vozes internas das narrativas interagem entre si, além dos diálogos externos. O discurso não é individual porque se constrói entre dois ou mais interlocutores. (BRAIT, 2001, p. 33) Na voz do romance tem

uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e

expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. (BAKHTIN, 1993, p. 74)

Nessa apropriação narrativa no “solo de vozes” não há linguagem que se constitua como um objeto neutro; há uma arena em que os discursos se digladiam, onde uma voz emaranha-se com outra, na tentativa de uma se sobressair à outra. As personagens e o narrador podem criar uma atmosfera de tensão entre si. Cada palavra carrega o significado além do real, com uma expressividade a ponto de refletir e refratar o real, pois os sentidos construídos pelos sujeitos interativamente nos contextos sócio-históricos, assim como característica da nossa própria personalidade. Para Bakhtin isso configura o princípio de exotopia, ou seja, “eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico que, em certo sentido, decorre da exotopia; a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento”. (BRAIT, 2001, p. 221) Em suma, “nenhuma voz, jamais fala sozinha”. (BRAIT, 2001, p. 221) A exotopia acontece a partir do momento que sou percebido e percebo o outro, sentindo suas impressões sobre o mundo, sobre si mesmo e as diferenças que nos compõem. E o retorno desse diálogo nos transfere informações e transformações que sozinhos não somos capazes, por ter “uma limitação intransponível no meu olhar que só o outro pode preencher”. (BRAIT, 2001, p. 222)

A análise das tensões criadas entre as vozes amazônicas, o diálogo de linguagens, o plurilinguismo ou os multidiscursos, a partir de Bakhtin, faz-nos compreender que todas as palavras e formas são povoadas de intenções próprias (1993, p. 100) e cada uma delas é composta por no mínimo duas visões iguais ou discrepantemente distintas. Percebe-se isso quando nos propomos analisar as vozes sócio-históricas em textos de temáticas sobre a região, pois é fundamental levar em consideração a relação entre o eu e outro, ou entre o de dentro e o de fora, ou o olhar apropriador e do olhar do colonizado. Por essa parte do país, de uma maneira especial, ter sido inaugurada discursivamente pelo estrangeiro-explorador/colonizador que impôs o seu olhar sobre os nativos-explorados/colonizados, desde a presença dos primeiros viajantes, criou-se uma expectativa muito específica em torno da chegada de novas formas civilizadoras. Por ser criação do outro, o colonizado aparentemente vive sem uma voz própria, mas claro que isso não é verdade. A voz do apropriador é assimilada e retrabalhada em um nível de

representatividade própria que expressará uma concepção particular de mundo. Qualquer projeção discursiva precisa do outro, do olhar de fora, para existir e se reinventar. Ao mesmo tempo que ele define, acaba sendo definido. Para se configurar como exotópico é necessário ir ao encontro do outro, perceber o diálogo, direto ou indiretamente, caso contrário não há exotopia.

A construção discursiva amazônica, então, deu-se pelo olhar de “fora”, pois cada narrativa comanda uma entonação sobre a região; o que nos faz acreditar que muitas respostas, para serem encontradas, “(seria) preciso reviver, mesmo que inconscientemente, os passos de seus antecessores, reconstruir uma imagem de Amazônia”. (CARVALHO, 2005, p. 191) Da mesma forma, cada narrador revela sua voz construída de muitas outras vozes de personagens, inclusive a do próprio autor, possibilitando uma luta discursiva interna que revela pontos sociais e históricos de uma época e um espaço. São essas “verdades sociais” que formam o indivíduo como produto de muitas vozes e o narrador sendo o portador das expectativas e de perspectivas de dentro da obra. A ficção histórica nada mais é que uma recondução a colocar as coisas “fora do lugar”, no seu espaço de origem discursivo.

Para Bakhtin, “o homem no romance é essencialmente o homem que fala; o romance necessita de falantes que lhe tragam seu discurso original, sua linguagem”. (2013, p. 134). Cada linguagem tece os contornos dos fios dialógicos, responsáveis por transformar a palavra do outro e as nossas. Toda palavra se dirige a alguém, assim nos diz Bakhtin. Nesse diálogo imanente de diferentes linguagens, em diferentes momentos históricos, de diferentes grupos sociais, é o que caracteriza o plurilinguismo social, defendido por Bakhtin. Todo processo de compreensão na arena discursiva, como a de uma palavra criar uma nova, as idas e vindas dialógicas transformam nosso olhar, por sermos habilitados também pelo outro em um diálogo sempre aberto e incompleto.

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin discute o poder da palavra como o “modo mais puro e sensível de relação social” (2006, p. 34) responsável por um processo de transfiguração das vozes dos indivíduos e “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (2006, p. 36). Ou seja,

não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico [...] existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, no determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor da sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta.

Todo sentido festejará um dia seu renascimento. (BAKHTIN, 1992, p. 413-14)

Fica evidente que a palavra e seus sentidos são renovados em contextos diferentes, pois ela se constitui nas fronteiras passado, presente e futuro. Somos modificados com a interferência do outro; somos dependentes, precisamos do outro para existir. A palavra nos une nessas relações sociais pois “é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”. (BAKHTIN, 2006, p. 115)

Essa relação de convivência com diferentes linguagens em diferentes momentos históricos que mostram o jogo de poder das diferentes verdades sociais em um jogo estratificado:

...e esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida que a língua está viva e desenvolvendo-se [...] trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência. (BAKHTIN, 1993, p. 82)

A dinâmica da linguagem nos permite analisar como o narrador conflitua em seu universo dialógico, por meio de vozes que podem aparecer por meio do discurso direto, indireto ou indireto-livre. Podemos dizer que a “obra é viva e literariamente significativa numa determinação recíproca, tensa e ativa com a realidade [...] é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso num mundo também vivo e significativo”. (BAKHTIN, 1993, p. 30) Por excelência a palavra “pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. (BAKHTIN, 2006, p. 35) O autor, com isso, eleva-se à condição de orquestrador das vontades alheias, por meio dos narradores. A entidade autor-narrador é uma possibilidade de assimilação e controle poderoso do discurso alheio.

Por ela, há o movimento vivo da linguagem, sem a qual não haveria o diálogo, porque para cada palavra há uma resposta, uma reciprocidade. “Sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma, em que ela organiza do interior as massas de nossas palavras, em vez de permanecer numa situação de isolamento e imobilidade”. (BAKHTIN, 1993, p. 145-146)

O caminho que será percorrido pelas narrativas que formam as *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* nos revelará as forças entre as vozes em conflito, o que se gera informativamente sobre a região e o que a literatura pode preencher, por meio de suas

fabulações, construídas a partir do intercruciar dos discursos histórico e ficcional. Todos esses aspectos darão pistas sobre a maneira que o autor olha seu objeto, já que a literatura não surge para tudo revelar, mas permite que o escritor também se revele nas batalhas de construção de sentidos em uma base dialógica das produções sobre a região Norte, como nessas obras. O professor estará atento a essas particularidades e proporá uma leitura que contemple as formas de assimilação dos narradores aos acontecimentos.

Na obra *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, João Paes Loureiro nos diz que ao se estudar sobre a Amazônia é inevitável não entrar em contato com a região construída pelo estrangeiro, ou uma única verdade atrelada e necessária para entendermos como foi a inauguração discursiva sobre a região amazônica, o que reforça os paradigmas bakhtinianos sobre relação autor-narrador e o discurso do outro. A partir desse encontro discursivo, a ficção proporciona diferentes maneiras de se apreender o objeto, ou seja, expõe o outro para entendermos o processo formativo de nossa história de maneira mais plena. Só o dinamismo da linguagem literária seria capaz de oferecer os instrumentos responsáveis para conseguirmos fazer esse percurso em que nossa compreensão, transformando-se de alguma maneira, passe a criar novas narrativas sobre o local em perspectivas mais humanas e viscerais. Um jogo entre a palavra do outro e a própria, uma assimilação tensa ou não, construindo um plurilinguismo envolvendo os aspectos históricos, sociais e culturais amazônicos de maneira desafiadora, até se contrapondo ou não aos discursos já estabelecidos sobre a Amazônia. Portanto, trata-se de tarefa importante que o estudioso da literatura na região explorar diálogos inacabados, ou sempre abertos entre o documento e a vida pulsante daquele momento. Nesse caso, a obra literária se torna também fonte documental confiável para se conhecer a região amazônica, retalhada por tantos discursos oficiais ou oficializantes na própria compreensão da poética souziana.

Nas palavras de João Carlos de Carvalho (2005):

Márcio Souza iniciava, praticamente, na década de 70 um diálogo crítico e dialético que o levaria a muitas aventuras dramatúrgicas, ensaísticas e ficcionais sem o ranço anterior, estabelecendo uma linha crítica pelas coisas de sua região de forma bem mais original do que seus predecessores mais recentes. (p. 207).

Desse modo, a Amazônia é apresentada como palco para os confrontos discursivos desse autor combativo, não só pelo fundo ideológico que o motivava, mas permeada por

fragmentos de diversas vozes inclusive entre o autor e sua escrita. Nas palavras de Karin Bakke de Araújo no artigo *O plurilinguismo na linguagem romanesca segundo Bakhtin*,

o discurso das personagens é uma forma de organização plurilinguística. Suas palavras são as de outrem, numa linguagem de outrem e, também, podem refratar as intenções do autor, que, ao permitir a refração das intenções do autor, cria uma segunda linguagem do autor. (2014, p. 217)

Partindo desse pressuposto, o autor na citação percebe o tecido narrativo como um mundo vivo de forma significativa que manifesta os diferentes discursos e suas intenções, representando um ponto de vista sobre o mundo. No caso das obras em estudo, uma reflexão aos temas amazônicos, “modos de ver” desenhados na atmosfera romanesca em que a linguagem histórica e ficcional permite a interação de vozes estratificadas socialmente. Assim, o olhar do outro, já é nosso olhar e Márcio Souza mostra bem isso ao longo de toda a sua obra.

2 LITERATURA REGIONAL DA AMAZÔNIA E O ENSINO

A gente não pensa sozinho, esse é o valor da leitura. Nós pensamos com o outro, graças ao outro.

Lúcia Santaella

2.1 Amazônia e o leitor-aprendiz: história em construção além da escola

Na Amazônia, a inauguração discursiva se deu primeiramente por uma ótica apropriadora que procurou anular outros *modus vivendi*; a construção do imaginário foi fundamentado na conquista, no olhar do outro que desconhecia até aquele instante o novo mundo e suas formas próprias de existências. À medida que o espaço conquistado se expandia, a selva discursivamente continuou exercendo o papel para preencher os espaços do imaginário estrangeiro em uma linguagem metafórica, ora assustadora, ora paradisíaca, entre descrições exóticas por parte desse olhar apropriador. Obviamente, o ilustre visitante trazia consigo a sua condição de estranhamento em relação à nova realidade e não deixaria de descrever seus relatos a partir de sua perspectiva, sua carga erudita e seu modo de enxergar a vida. A partir desse olhar enviesado construiu-se um perfil de Amazônia que nos faz admitir a existência de uma literatura regional muito própria, ou pelo menos, de temáticas que estão ligadas a todo um imaginário de conquista e a maneira como se deu a sua produção das letras locais.

As reflexões e discussões sempre instigaram-me a relacionar a construção discursiva da Amazônia com o ensino. Por alguma razão, a nossa história regional ainda está distanciada das nossas salas de aula. Pensando na literatura como conhecimento e formação do leitor como uma das funções mais importantes da escola, na nossa realidade, a literatura ainda não funciona como uma fonte confiável para ajudar na compreensão da história fragmentária de nossa formação.

Neste capítulo tento refletir como a literatura pode contribuir para interpretações desconcertantes, trazendo novas verdades e formas de apreensão das nossas múltiplas realidades. A seleção inicial dos autores para esta reflexão leva em consideração a aproximação entre suas formas de apreensão dessa importante temática, principalmente o papel da literatura como uma fonte formadora de leitores, sendo o leitor-aprendiz aquele aventureiro que busca conhecer mais sobre algo a partir de uma orientação

segura dentro da sua formação. Um leitor-aprendiz com suas curiosidades pode evoluir para outros tipos de leitor mais críticos e mesmo assim nunca deixar de ser aprendiz.

Todorov ao escrever *Literatura em perigo* defendia que é preciso ir além do sentido do texto, assim como o leitor não profissional lê para encontrar sentido que lhe

permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (2009, p.32:33)

Tzvetan Todorov já preconiza em suas reflexões que a separação do estudo do texto literário da vida nos permite tudo, menos ter como consequência o amor à literatura. A leitura, nesse caso, deveria ser uma maneira de emancipação pessoal, que integra todas as vertentes importantes para uma formação humana e construtora de ideias. A literatura como parte importante na formação leitora não é diferente, pois carrega as histórias e perspectivas, apresenta-se como uma ampliadora de lente. Nas palavras de Jean Foucambert :

Ler é, então, antes mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, quer se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior do projeto. Pode-se discutir o valor do projeto, mas isto posto, a leitura é uma: trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar. (2008, p.63)

Como uma atividade que encontra sua significação na relação texto e contexto, a leitura ainda têm percalços a serem vencidos, quando se trata do ensino de literatura de uma maneira geral no espaço escolar. Primeiro, por ser caracterizado apenas por estudos diacrônicos de alguns autores disponibilizados pelo livro didático, muitas vezes por meio de leitura de resumos que se limitam à historiografia literária e biográfica. Não que seja errado estudar dessa forma, pois há pessoas que se adaptam ao que se tem à mão, mas há outras abordagens metodológicas que podem tornar o momento literário mais prazeroso e instrutivo. Conhecer as nuances que cada palavra pode adquirir. Como está, o ensino da literatura⁷ não desempenha um papel de destaque como já mencionado

⁷ Segundo os PCNs (2000)- A literatura é um meio de educação da sensibilidade que vai a busca de atingir um conhecimento científico ou técnico. Através da literatura, o aluno trabalha sua liberdade e sua criatividade [...] e ainda no ensino médio o professor deve trabalhar com o objetivo de construir o letramento literário.

por Todorov, pois dificilmente gerará o amor à literatura como consequência no final das contas.

A reflexão se torna ainda mais crítica quando diz respeito à literatura regional da Amazônia. Para fundamentar essa discussão sem teorizarmos com a veemência que o assunto exige, já que não é nosso objetivo principal, neste trabalho, precisamos refletir como a literatura souziana ficcional e histórica pode contribuir para o ensino a partir das descrições e diálogos que envolvem os três narradores de *Crônicas do Grão Pará e Rio Negro*. O pano de fundo unificador é a Cabanagem. Momento marcante da maior insurreição popular da região. Essa relação entre texto e contexto nos revelará interessantes caminhos de compreensão e consequente formação de um leitor local, ligado às questões de origem da própria Amazônia. O Grão-Pará, nas primeiras décadas do século XIX compreendia o que é o hoje o Pará, o Amazonas, Roraima, Amapá e Rondônia. O Acre só seria anexado oficialmente no início do século XX.

No livro 1 – *Lealdade* –, inicia-se a saga da anexação do Grão-Pará ao Império do Brasil, logo após a Independência. O narrador relata suas memórias com os ideais de afirmação de um povo à frente do seu tempo, num lugar onde a luta pela independência se transformaria em uma verdadeira guerra. O narrador escolhido por Márcio Souza é um militar, filho de portugueses, nascido por acaso no Pará, chamado Fernando Simões, que tem a incumbência de registrar os acontecimentos tão logo chegam as notícias da independência do Brasil em 1822, quase um ano depois. Segundo Maria Cláudia de Mesquita (2008, p. 5), a ficção souziana é marcadamente metaficcional, pois o narrador adota uma postura irreverente de ler o passado, onde se percebem aspectos notadamente sociais, ideológicos e políticos que darão o tom da narrativa como um todo. Com isso, a chegada da notícia da independência um ano depois, sob a ótica desse narrador comprometido, implica necessariamente numa tomada de posição em relação aos fatos históricos narrados.

No livro 2 – *Desordem* – o narrador é uma figura feminina, filha de pais franceses, chamada Simone, que vivencia os acontecimentos históricos anteriores e culminantes para o início da Cabanagem junto a personagens históricos em consonância com os acontecimentos de suas vidas. Nesse período, o Grão-Pará continuava em guerra civil e desastrosas medidas decretadas pelo governo da Regência levavam a progressista região a um estado de exaustão e miséria. A postura da narradora diante dos fatos

espelha uma personagem detalhista com preocupações políticas relativas à igualdade entre os sexos e entre as classes, mostrando que muitos tinham perdido a vida por uma administração intolerante, forçando um povo a superar o desespero. A emancipação se tornava um pesadelo sangrento, e o que vemos é uma narração terrível da violência despertada à época por tantos sonhos malogrados.

No livro 3 – *Revolta* – continua a luta por emancipação; o narrador é Maurício Vilaça, afilhado de Fernando Simões e Simone. Em seu diário relata os acontecimentos brutais no período de 1º de janeiro a 17 de junho de 1835, em que o povo resolve decidir seu destino. A cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará vive mergulhada na guerra. A insatisfação do povo diante da província se tornava insustentável, provocando a fúria dos negros, índios e mamelucos que se rebelaram, tomando a capital e assassinando o presidente da província, Bernardo Lobo de Sousa, um homem marcado pela crueza e vontade de vingança contra o cônego Batista Campos, figura lendária e revolucionária. Está em curso a Cabanagem, insurreição popular contra a Regência e os que desfrutavam do poder político e econômico local, movimento que duraria até 1840. Maurício, diferentemente dos narradores anteriores, não se envolve diretamente com os dilemas na disputa entre povo e a regência. No entanto, como nos outros dois títulos, o narrador obedece a certas situações idiossincráticas, típicas da prosa souziana, porém, neste último livro, a visão de Maurício caracteriza a tradução das vontades íntimas de um povo que vive nas contradições da miséria humana física e espiritual.

A partir desse contexto, a poética souziana encadeia os episódios decisórios da insurreição popular. Nesse momento, se percebe que a literatura abriu horizontes à região, mesmo que alguns autores não queiram ser rotulados de regionalistas, foram eles que abriram caminhos a serem percorridos por outros, a partir de uma dialética definida por Bakhtin como a interação verbal capaz de guardar todas as intenções do jogo ideológico. Exatamente, por ser viva e ter uma dinâmica própria, o gênero romance contribui para essa reconstrução factual por se aproximar de forma mais real possível de como os diálogos são recriados e permite uma quebra na barreira entre o imaginário e o imaginado. Como diz Northrop Frye (2014. p. 169), a ficção aproxima a realidade, acrescentando o que não é possível materializar no mundo real. Essa abertura superior provocada pela leitura ficcional não deixa que o vínculo entre autor e leitor seja fragmentado. O autor é o epítome da criação verbal no romance e seu leitor o coautor.

As personagens são as portadoras das marcas de uma linha tênue com a realidade e a condição humana, por meio de uma identificação verossímil, pondo em xeque até que ponto começa o ficcional e termina o real, ou como as fronteiras são tênues na configuração do que se quer entender como vida e imaginação. A ideia não é responder, mas compreender pelo campo da linguagem literária que tudo ajuda a nutrir o fio condutor de uma história. A literatura prova que não se cria do nada, mas se (re)conhece o que já existe em outras dimensões possíveis. Apenas passamos a enxergar detalhes antes despercebidos. São com esses pontos que estudar a história da formação social de qualquer local se torna importante para a consciência do próprio indivíduo como parte também dessa história e da formação mais abalizada do que chamamos de leitor-aprendiz.

Um autor paraense chamado Tiese Teixeira Júnior percebeu a deficiência no ensino da história do estado. Diante disso, com o apoio das referências bibliográficas existentes e, com suas análises, elaborou um livro didático dedicado ao ensino fundamental e outro para o médio: *Estudos Amazônicos: Ensino Fundamental* (2010) e *Estudos Amazônicos: Ensino Médio* (2016). O autor trabalhava em escola básica, com uma disciplina chamada Estudos Amazônicos; por não existir material adequado, ele se debruçou sobre a questão avidamente. Em uma entrevista para o site *Atraente Mente* (2018) ele diz que “é como se fossem ‘estrangeiros’ nascidos na mesma nação”; palavras não muito diferentes foram ditas por Márcio Souza em *A expressão Amazonense*: “não foi fácil enfrentar uma bibliografia rara e uma documentação esparsa”. (1977, p. 18)

O autor paraense e o autor manauara se dedicaram às nuances desconhecidas da história de seus estados. Márcio Souza em uma esfera um pouco mais abrangente por tematizar a Amazônia de uma forma mais ampla e complexa pela literatura; Tiese, um pouco diferente, deu destaque à formação histórica do Pará na educação formal do ensino secundário.

É com essa concepção de entendermos nossa formação pela literatura que busco defender na importância deste trabalho. Aprender sobre as lutas que sofremos para sermos o que somos é fundamental para o amazônida, ou para quem cá optar por vir morar. Se não for assim, continuamos com uma espécie de amnésia com efeito anestésico que presenciamos em nós mesmos e no ensino de nossa cultura de uma

maneira geral, impedindo o despertar e o interesse em relação às nossas origens pelas novas gerações. Diríamos, parafraseando uma frase de um importante compositor brasileiro, “a Amazônia não deveria ser para quem não deseja conhecê-la, assim como o Brasil não é para principiantes”⁸.

Aos pesquisadores, uma função importante é refletir sobre os caminhos percorridos até agora, enxergando os progressos e retrocessos por meio de nossas letras. Por isso, o seu papel também é contribuir de alguma maneira para que essa realidade imposta seja reescrita aos poucos por nós, silenciados por séculos, deixados à margem do esquecimento, com uma vida pulsante, pedindo para ser ouvida. Talvez sejamos ainda, em menor grau, como disse Márcio Souza incapazes de captar uma visão essencial do nosso processo, atado ao desconhecimento do caráter social do pensamento e da cultura.

Não é difícil constatar que a região amazônica é nos dias de hoje vista por muitos apenas como representante do pulmão do mundo, como uma floresta intocada habitada, na maioria, por índios “selvagens”, no sentido mais pejorativo do termo. Por outro lado, graças aos esforços de muitos estudiosos, a Amazônia vem conquistando um lugar diferente, cheia de histórias desconcertantes, não só entre o belo e o selvagem, encantos e desencantos, mas como uma literatura capaz de reviver os fatos ao mesmo tempo que contribui para preencher os vácuos históricos, tentando encontrar e dar à região, sedenta de identidade, um destaque nacional às suas letras. Criando e recriando as narrativas por perspectivas diferentes, uma Amazônia com seus vários olhares. Assim, as personagens narradoras souzianas contribuem com os olhares diferentes sobre a construção histórica da cabanagem e entretêm o leitor em tramas que forcem um mergulho maior no desconhecido.

Bakhtin, em *Questões de literatura e estética*, dedica momentos importantes à construção das personagens como os transmissores de suas verdades. Nesse momento, o autor tem liberdade para criar o perfil ideológico de uma época, suas angústias e mazelas sociais sempre de maneira problemática. De um romance para outro, os propósitos podem ser diferentes pela ótica dos interesses das personagens. Mencionar nomes reconhecidos historicamente é a linha da credibilidade para o leitor desconfiado, inicialmente.

⁸ Essa paráfrase faz referência à frase “o Brasil não é para principiantes” dita por Tom Jobim.

Reconhecemos que o ensino da história amazônica pela literatura ainda é algo tímido. No livro *a História da Amazônia*, Márcio Souza reúne os poucos documentos existentes para elaborar um panorama dos fatos históricos vivenciados na Amazônia dos séculos XIX e XX. Nas universidades percebe-se que disciplinas como Literatura de Expressão Amazônica contribuem para a disseminação da valorização da própria história e das letras, porém, infelizmente essa ainda é uma realidade apenas da academia no ensino superior. Na educação básica não há ainda ênfase nessa estratégia no ensino da literatura regional ou de temática amazônica. Mas, à medida que novos pesquisadores investigam, mais uma oportunidade de conhecimento se inaugura para que os próprios amazônidas aprendam sobre sua formação pela literatura e sobre seu espaço de origem. Mas não podemos negar que a literatura regional da Amazônia paulatinamente vem conquistando espaço de prestígio na academia, mesmo que de forma tímida ainda.

2.2 Construção de significados históricos pelo texto em sala de aula: contribuição literária

Como já mencionado, os textos literários nas práticas de sala de aula ainda é uma atividade de leitura tímida, mas o leitor-aprendiz pode ser conquistado por uma metodologia que veja o texto de uma maneira mais plena. Observando suas histórias, a construção de suas personagens, todo o cenário criado pelas imagens e também a relação com o contexto histórico-cultural, trazendo a vida para o palco das discussões. O leitor-aprendiz experimenta a partir de suas vivências o texto literário que proporciona o processo histórico e ele, enquanto co-autor, elabora também suas próprias ideias sobre o enredo, a partir do acompanhamento atento do seu professor.

O texto literário pode contribuir para o amadurecimento das suas percepções leitoras e os elementos que constroem todo um percurso, como diz Lúcia Santaella-PUC-SP em uma palestra *on-line* para o canal do Centro de Educação e Letras-Campus Floresta (2020)⁹, em que a palestrante refletia sobre tipos de leitores; ela chamou a

⁹ Informação fornecida pela professora Lúcia Santaella- PUC-SP. Palestra 01- Leitura em tempos de incerteza, transmitida ao vivo em 15/12/2020 pelo canal do Youtube Centro de Educação e Letras-Campus Floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S0kZSS8Ai6A>

atenção para o leitor contemplativo, o leitor do livro que se diferencia de outras formas de leitura. Para ela, nenhuma outra leitura exige um cuidado maior que a leitura de um livro, seja ele físico ou não. Ele exige que se encontre um lugar confortável, diferente de outras práticas que muitas vezes são rápidas, por exemplo, como ler uma notícia pelo celular.

A autora Teresa Colomer em uma perspectiva histórica discute que a partir do

desenvolvimento da sociedade e da representação social da leitura afetaram os objetivos escolares do ensino literário a partir da segunda metade do século XX. Por um lado, progrediu a reflexão sobre o que é literatura e o que significa saber literatura; por outro lado, mudou a concepção sobre o que são os processos de ensinar e aprender. Como consequência, transformou-se tanto a visão do que a escola se propunha a ensinar nesta área como a visão sobre qual era a melhor forma de fazê-lo. As teorias linguísticas e literárias dos anos sessenta foram as que difundiram a reivindicação do acesso direto à leitura de obras na escola. [...] Do ponto de vista docente, a abstração do discurso explicativo só conduzia a que os alunos memorizassem os quadros de tendências e movimentos culturais e a que assumissem de maneira passiva e reverencial as avaliações artísticas. (2007, p. 24-25)

O estudo da autora foi publicado no ano de 2007, mas ainda é possível encontrar essas características do conhecimento sobre o texto deslocado pelo conhecimento do contexto. Em outras palavras, os alunos de fato ouvem ou leem sobre as obras, no entanto, talvez por falta de uma iniciativa maior, seja pessoal ou mesmo do docente, não sentem a necessidade de aprofundar-se em sua leitura. Teresa Colomer ainda acrescenta:

A atenção da teoria literária se deslocou do autor para o texto como objeto de estudo; mais tarde o interesse se foi ampliando em duas direções. Por um lado, “para fora”, em direção aos fatores externos do funcionamento social do fenômeno literário [...]; Por outro, “para dentro”, em direção aos fatores internos da construção do significado por parte do leitor, tal como analisaram as teorias da recepção. A isto se anexou a ideia de que nas aulas encontra-se um tipo específico de leitor: aquele que se acha em situação de “aprender”, um campo educativo que foi renovado, na mesma época, pela psicolinguística e as teorias da aprendizagem.

Ainda em nossos dias, há debates sobre a qualidade em torno da possibilidade de denominar-se o que pode ser considerado literatura como a ficção, a poesia e a dramaturgia oferecidas a receptores tão pouco capazes de interpretar a experiência estética. No entanto, a literatura figurou diferentes caminhos. O leitor referido pela teoria da recepção

presume a leitura que, da sua parte, supõe vários procedimentos, correspondendo tanto à decodificação de um produto que se transmite pela linguagem verbal e adota o suporte da escrita quanto aos procedimentos de interpretação, que atribuem um (ou vários) significado(s) àquele material. Esta é, porém, a perspectiva individual da leitura, que integra ainda: uma dimensão social, ao se referir ao impacto da criação literária sobre o meio;

uma dimensão poética, ao interferir na criatividade de membros da comunidade artística da época ou dos períodos subsequentes; uma dimensão estética, ao afetar os modos de percepção do público. (CHARTIER, 2011, p. 159)

Diante da problemática acima exposta, o conhecimento ou a aprendizagem acontece a partir da identificação do leitor, por meio de uma espécie de equilíbrio entre a experiência pessoal desse aprendiz e a interpretação possível – uma relação que implica descobertas e a orientação feita pelo profissional, no caso, a figura do professor, por meio de instrumentos pesquisados *a priori*, de maneira a levar o sujeito a interagir de maneira mais plena com o texto literário.

Em relação às obras em estudo, Márcio Souza, ao escrever *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, trouxe a perspectiva, não só dele, enquanto autor, mas também de suas personagens. Ele, de alguma maneira, deixou silêncios que serão preenchidos pelo leitor-aprendiz, respostas que ele encontrará na leitura compartilhada com seu professor. Ambos acabam convidados a construir todo o percurso do enredo narrativo pelas imagens que são criadas. O talento do autor, claro, não é ofuscado pelo talento de ser leitor, no entanto, este último, dá vida aos enredos que lê por meio do seu imaginário ou pela sua capacidade de se transportar. As fontes históricas em que Márcio Souza alicerçou-se são figuras reais dentro dos contextos trabalhados, pois cabe ao que lê suas tramas, mesmo que sem o olhar técnico de teórico de literatura, ou mesmo de um leitor ideal, ir sempre muito além. A mínima atenção diferenciada às palavras do escritor pode ensinar sobre como usar a linguagem e como uma frase carrega significados históricos de toda uma época.

O cuidado contemplativo na hora de ler, construir as imagens e refazer os percursos sinuosos escolhidos pelas personagens ou por uma possibilidade deixada nas entrelinhas de a narrativa ter um final diferente, uma oportunidade nova, pode carregar uma pluralidade de novos sentidos. Como diz Proença Filho:

...o oxigênio da arte é a liberdade. E isso vale tanto para o escritor como para o leitor. O texto literário repercute em nós, na condição de leitores ou ouvintes, na medida em que revele traços profundos do nosso psiquismo, coincidentes com o que em nós se abrigue como seres sociais. O artista da palavra, co-partícipe de nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que no texto se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural. (2007, p. 16)

Em *Literatura como missão*, de Nicolau Sevcenko, a palavra impressa acompanha a consciência intelectual literária social à medida que a sociedade muda sua forma de enxergar a vida. A linguagem penetra os recônditos da sociedade e transplanta para os gêneros literários, como a crônica e o romance, por exemplo, um carácter social das fragilidades e inquietações do homem diante da realidade. Nas palavras do referido autor:

os textos artísticos se tornaram termômetros admiráveis dessa mudança de mentalidade e sensibilidade. Diante de realidades, eventos e situações mesmo que idênticas às de um passado próximo, os escritores as viam e compreendiam diferentemente. (SEVCENKO, 1999, p. 238).

Bakhtin nos ensina que o diálogo está intrinsecamente ligado à dinâmica da vida em sociedade, pois as mudanças significativas são possíveis pela possibilidade de retomada, ou a releitura, da história. A ficção aparece como uma reconstrução de várias visões de mundo, por meio de uma colcha de retalhos da condição humana diante do contexto social. Nesse sentido, ela se apresenta como uma memória ou testemunha, a partir da qual os autores traduziram as características do período, ou seja,

a produção literária, ela mesma como processo, homólogo ao processo histórico, seguindo, defrontando ou negando-o, porém, referindo-o sempre sua faixa de encaminhamento própria. A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo seu potencial como documento, não apenas para análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção. (SEVCENKO, 1999, p. 246)

A literatura tem um elo vivo e reflexivo em relação à sociedade sustentado por uma linguagem profundamente original. É com essa riqueza de possibilidades inaugurada pela literatura no espaço social que se aprende a construir um mundo em volta da condição humana. Um jogo dialético em que o “homem busca aceder à interioridade da sua essência, para melhor saber de si e situar-se. E, no seu percurso existencial, tem procurado conhecer a si mesmo, o mundo, a sua relação com os outros e a sua relação com o mundo” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 16)

O texto literário repercute no leitor e traz consigo certos traços históricos e as intenções sócio-ideológicas por meio de uma dinâmica *sui generis*. A palavra surge como representação da realidade histórica, um diálogo aberto à interferência do outro em uma arena discursiva em que visões diferentes se confrontam e ao mesmo tempo são

complementares. E só pela linguagem o homem expressa seus desejos “como a faculdade que tem de tornar *comum* a outrem seus pensamentos, sentimentos e desejos e as coisas do mundo que o cercam”. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 20)

O desafio para o ensino de literatura inclui muitos fatores, seja interno ou externo, mas uma pergunta se faz extremamente relevante: “é possível o amor à linguagem ser ensinado?”. A autora Francine Prose, no livro *Para ler como um escritor*, ensina sua maior lei: “aprendemos através de exemplos”. (...) “Leio minuciosamente, palavra por palavra, frase por frase, ponderando cada aparentemente mínima decisão tomada pelo escritor”. (2008, p. 18)

Pelos livros *Lealdade* (1997), *Desordem* (2001) e *Revolta* (2005) também é possível reconstruir um momento histórico muito importante para a região Amazônica, a Cabanagem (1835-1840), observando os detalhes que compreendem os enquadramentos e a dinâmica narrativo-dramático de seus textos, através do encaminhamento do enredo, construção das personagens, posição dos narradores, escolha do vocabulário, articulação sintática etc. Márcio Souza descreve o fenômeno social da seguinte maneira, em seu livro sobre a história da Amazônia:

Os acontecimentos políticos e militares que constituíram a Cabanagem foram uma clara demonstração de que os agentes sociais da Amazônia estavam não apenas experimentando a desmontagem final do projeto colonial, mas que algo de muito profundo havia acontecido em seu componente humano e apontava para o nascimento de uma civilização original, sustentada demograficamente pelos novos amazônidas: os caboclos. Infelizmente, o pouco conhecimento da Cabanagem, a bibliografia excelente, mas reduzida sobre o assunto, e até mesma a ênfase com que um fenômeno histórico tão importante, de natureza única nas Américas, fosse reduzido a um simples hiato de anarquia social das massas incultas, perdendo-se assim um dos fios da meada do processo histórico da Amazônia. (SOUZA, 2019, p. 205)

Márcio Souza investe, em sua trilogia até agora, em um marco histórico para a região, dando lugar, vez e voz aos eventos da história dos cabanos em particularidades possíveis por meio de uma reconstrução a partir dos documentos oficiais. Na verdade, as protagonistas dos romances observavam de longe e de dentro os efeitos da Cabanagem.

Conforme mencionado anteriormente, Márcio Souza é autor de várias obras entre romances, ensaios e peças de teatro. Possui uma erudição que poucos têm sobre a literatura e a história da Amazônia. Seu olhar diferenciado para a região permitiu que suas personagens submergissem em um momento histórico que pode ser até certo ponto considerada uma “guerra civil”. (SOUZA, 2019, p. 216):

Eu sabia que tinha que remar, de me apressar. Logo o movimento dos grandes barcos ia começar, e eu podia ser capturado. Se isso acontecesse, seria um homem morto. [...] O sangue derramado, as feridas, as dores, nada seria lembrado. Toda a culpa seria lançada sobre aquelas paragens, elas seriam levadas a julgamento, seriam consideradas um deserto hostil e condenadas, mas seríamos nós a pagar a pena. (SOUZA, 2001, p. 20-21)

O fragmento do romance *Lealdade* já inicia com uma narrativa angustiada vivenciada pelos que habitavam na região, pelos que buscavam “independência da região do Grão Pará e Rio Negro” do restante do país. Um marco regional regado com muito sangue. Com esse espírito de resistência, ao longo dos romances da trilogia são ambientados, destacando a formação histórica da Amazônia, persistindo na sua existência como discurso fronteiro entre história e ficção na identidade da referida região e do país. Desse modo, a literatura tomando para si o papel de documento e, como já citado, de memória que “assim como linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios. – não existe sem a sua resistência”. (SILVA-SELIGMANN, 2003, p. 52)

Em *Lealdade* (2001), o desejo pessoal de liberdade da população estava estampado na face mais cruel da província, no momento de iniciativa da construção de uma nova consciência política, mas o recente império brasileiro não entendia assim: “Grão-Pará não será empurrado para uma aventura, se assim depender dos soldados de Portugal”. (SOUZA, p. 184)

Márcio Souza, no caso, explora, sobretudo, na voz do narrador, uma consciência de uma época, às vezes com muita sofisticação:

...toda revolução é como o desejo humano, não se submete com facilidade. Como militar, sempre tive a revolução como uma quebra da lógica política, um vácuo onde as leis militares clássicas não funcionavam. Foi assim que, naquele mês de setembro de 1823, não percebi que estava vivendo um desses vácuos. Belém era um cenário repleto de sinais, pelos silêncios e simulações, rasgados na pele da cidade pelos homens e suas utopias. (2001, p. 192)

Numa consciência à frente do seu tempo, o reconhecimento do narrador sobre os fatos permite com que ele os vivencie de maneira íntima e abrangente. O autor amazonense, no entrelaçamento história e ficção, compõe um diálogo, por um lado, para afirmar seus anseios na legitimação de acontecimentos, por outro, uma necessidade intrínseca de preencher os vácuos da história por meio de um observador especial (o narrador), cuja percepção subjetiva do seu espaço e tempo nos permite uma compreensão mais aguçada do panorama da época.

O autor amazonense utiliza nomes de figuras conhecidas pela história oficial, como, por exemplo, Batista Campos, Eduardo Angelim, entre outros. No artigo de Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro tem as seguintes referências sobre essas importantes personagens dos eventos que precederam ou que fizeram parte da Cabanagem:

...quando se recuperam as atuações de personagens como Batista Campos, Félix Malcher, Francisco Vinagre ou Eduardo Angelim, deixando ver por meio de seus bandos e proclamações um questionamento ácido da relação entre a Corte do Rio de Janeiro e as Províncias do Norte, se está desafiando apenas essa trajetória. Ela também apresenta uma temporalidade própria, intimamente ligada ao quadro da vida política provincial, onde as querelas partidárias, amplificadas após 1820, no âmbito do complexo momento de redefinição/afirmação do Estado Nacional Brasileiro, mediavam o jogo de interesses conflitantes dos segmentos dominantes. (2009, p.2)

Por esse lado, Márcio Souza investe decisivamente numa maneira própria de perceber o fenômeno por uma ótica mais pessoal, porém, capaz de circundar o caótico estado de coisas vivido pela Amazônia num momento particularmente marcante de sua construção histórica, pois a Cabanagem foi uma espécie de libertação instintiva encontrada pelos excluídos da “História”, mediante uma situação insustentável, provocada por um governo sem sensibilidade e que ignorava as verdadeiras necessidades da maior parte da população. Os paraenses viviam amedrontados pela sequência de atos violentos cometidos pelo governo a partir dos quais “muitas famílias abandonaram cidade para o interior, mas sabia-se que não havia lugar seguro naquela província”. (SOUZA, 2005, p. 207). Redimensionando esse aspecto, o narrador organiza o seu material como uma alavanca para a sua percepção sensível do fato, obviamente não se limitando ao fato adiante, pois o vaticínio de uma voz privilegiada, capaz de perceber os detalhes dos acontecimentos mais graves, enuncia:

...um dia essa guerra há de acabar e, quando acabar, uma boa parte dessa província estará em ruínas, quase todas as suas cidades e vilas estarão danificadas e devastadas. A gente dessa terra acabará com o horrendo custo, pagando com vidas, patrimônios, riquezas e tranquilidade. (SOUZA, 2005, p. 299)

O narrador dialoga diretamente com a própria função do historiador. Pinheiro, observando o fenômeno da insurgência, reflete sobre a complexidade que é

“dada” ao historiador, seja pela força e vigor de determinados acontecimentos, seja, como às vezes é comum se ouvir dizer, “dada pela documentação compulsada”. Uma cronologia emerge antes como resultado (consciente ou inconsciente) das reflexões que o pesquisador empreendeu, levando em conta uma multiplicidade de evidências por ele selecionadas e analisadas. Estas opções esbarram, inclusive, no âmbito heurístico da pesquisa (maior disponibilidade de fontes para um dado período que para outro, a própria

tipologia das fontes disponíveis, as indicações esboçadas em trabalhos anteriores, etc.) e remetem às próprias condições materiais de produção da obra e de seu autor. Condições de vida, conflitos sociais, pontos de vista políticos, concepções religiosas e até envolvimento pessoais, juntando-se às concepções teóricas e à metodologia empregada, contribuem para sedimentar o lugar social de onde os historiadores buscam visualizar, compreender e problematizar seus temas. Isso significa dizer que os eventos, sejam eles quais forem e por mais impactantes que possam ter sido, não se “impõem” ao historiador como marcos ou balizas definidoras de um dado processo. Quando muito, o historiador pode “justificá-los”, e assim procedendo, o faz sempre a partir do sentido que lhes quer atribuir. Ou seja, são seus enfoques, suas problemáticas, que em última instância fazem uma dada cronologia emergir e ganhar relevância. (PINHEIRO, 2009, p.4)

Os fatos, mesmo oficiais, não deixam de levantar também uma perspectiva pessoal do historiador. Por outro lado, o ficcional dialoga com o evento histórico dando ao leitor-aprendiz a oportunidade de ele também criar sua versão da história a partir da percepção dos próprios narradores em cena. A história e os romances em tela nortearão uma maneira própria de olhar a Amazônia, incitando uma geração de leitores que, junto a Márcio Souza, ficarão com a incumbência de recontar uma história pouco valorizada fora do ambiente do Norte do Brasil.

O olhar das personagens será a *flashlight* que iluminará o passo a passo do leitor-aprendiz, interessado em começar a olhar para as palavras como fontes significativas, carregadas de dinâmicas de significações devidamente escolhidas para representar o contexto social, histórico e ideológico de sua época:

Em questões de história, talvez não haja verdades nem mentiras: nenhuma história é o real: muito pelo contrário, o real é que, às vezes, acaba sendo percebido sob as formas que o discurso histórico que sobre ele se faz e lhe permite assumir para tornar-se inteligível. (LAJOLO, 1993, p.108)

Quando um aluno ou leitor-aprendiz consegue compreender, ou ser iniciado a utilizar esses recursos que a linguagem oferece, o desvelamento do texto se transforma, às vezes, decisivamente, desde o ritmo de leitura até a compreensão do texto.

Umberto Eco diz que a literatura mantém um exercício, antes de tudo, com a língua como patrimônio coletivo. Ela contribui para formá-la, criar a identidade e a comunidade. E “a leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação” (2003, p. 12). A narrativa hipertextual, por meio de outras histórias, está interligada e também é acessada, pois pode nos educar para a liberdade e para a criatividade:

Alguém disse que jogando com mecanismos hipertextuais se foge de duas formas de repressão, a obediência a acontecimentos decididos por um outro e a condenação à divisão social entre aqueles que escrevem e aqueles que leem

(...) mas certamente jogar criativamente com hipertextos, modificando as histórias e contribuindo para criar novas, pode ser uma atividade apaixonante, um belo exercício a ser praticado na escola, uma nova forma de escritura... (ECO, 2003, p. 19)

A literatura permite uma liberdade, por ser mais irreverente e flexível, ao mesmo tempo que lida com temas audaciosos e leva o leitor a uma reflexão maior. Ela é capaz de mudar comportamentos e construir conhecimentos conjuntamente que rompem qualquer fronteira entre o real e o imaginário. Todo texto literário é praticamente um hipertexto. Como diz Jean Foucambert,

ler é ter escolhido procurar alguma coisa; dissociada dessa intenção, a leitura não existe. Já que ler é encontrar a informação que escolhemos, a leitura é por natureza flexível, multiforme, sempre adaptada à pesquisa. Não graus de leitura, leituras que sejam melhores que outras; saber ler é poder fazer tudo, quando se quiser e quando o texto se prestar a isso. Aprender a ler é então aprender a explorar um texto, lentamente quando o quisermos, muito rapidamente quando quisermos: é aprender a adaptar nossa busca ao nosso projeto. Não é um luxo que pode vir quando se sabe ler, já que é a própria leitura. (2008, p. 64)

Por essa razão, aprender sobre a história da região é tão importante, é uma maneira de unir a sensibilidade ao autoconhecimento, principalmente por meio da literatura. Talvez um dia não muito distante, o amor à literatura venha como algo natural e por identificação, não por obrigação apenas. Em reconhecimento aos autores como Márcio Souza, Milton Hatoum, entre outros menos conhecidos, que vão de alguma forma inaugurando uma digital intelectual de escritores amazônicos que realizaram e realizam, a partir de suas produções ficcionais, uma espécie de registro de muitas vozes que ecoaram e ecoam na vasta região.

3 MÁRCIO SOUZA E SUA PEDAGOGIA DIALÓGICA: SEUS NARRADORES E ESTRATÉGIAS DE ENSINO EM SALA DE AULA

3.1 Cabanagem: inter cruzando olhares

Neste capítulo o objetivo é analisar aspectos da construção do discurso dos narradores souzianos nas três obras publicadas *Lealdade*, *Desordem* e *Revolta*, revendo pela linguagem literária e o contexto as questões ficcionais e históricas levantadas no período da Cabanagem. Em uma abordagem dialógica bakhtiniana, na perspectiva pluralista e multidiscursiva que introduz uma possibilidade de se entender a voz não

como uma emissão sonora apenas, porém, em uma ordem metafórica, de uma consciência e memória semântico-social depositada na palavra. Nesse sentido, por sua vez, o conhecimento do sujeito é mantido pelo discurso do outro de forma significativa e potencializadora de significados na interpretação do legado histórico através de um determinado espaço geográfico.

Portanto, um fato incontestável é que história e literatura sempre possuíram vínculos, embora muitas vezes se quisesse opor drasticamente as duas áreas, tentando-se ocultar as filigranas analógicas da revivescência pretérita ou não reconhecendo as semelhanças existentes entre as técnicas estilísticas e os objetos que caracterizam ambas as vertentes na composição de obras de reconstituição. O conhecimento dos eventos passados, então, revela-se capaz apenas de dimensioná-lo parcialmente por meio do discurso histórico e também da ficção através de artifícios diferentes, mas muito próximos, pois os recursos da linguagem são um instrumento comum a ambas as formas discursivas.

A Cabanagem, neste estudo, marcaria no povo amazônida um momento histórico que contribuiu para sua formação social, cultural e histórica. Compreender a influência desse movimento popular na perspectiva também ficcional é entrar em contato direto com uma identidade regional de seus sujeitos, ou sua amazonidade como um pertencimento a um lugar de maneira ainda mais desafiadora.

Uma guerra comprimida em um determinado momento estratégico da construção nacional no século XIX no Brasil que se expressa de maneira de restabelecimento nas obras de Márcio Souza, como se a arte abrisse caminhos para interpretação de uma dada realidade como nenhuma outra linguagem fosse capaz, ou seja, uma maneira de ensinar os pontos cruciais pelo diálogo com outras perspectivas.

Assim, para percebermos a magnitude daquele momento, tomemos as palavras de Magna Ricci, que descreve esse episódio histórico da seguinte maneira:

A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. (2006, p. 6)

A Revolução Cabana, nascida em Belém do Pará, avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo uma ampla extensão territorial da região.

Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Os movimentos políticos desse momento social se constituíram na principal temática abordada pelo autor amazonense, dando origem a ideia de tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*. Ao estabelecer vínculo com a região desde a escolha do título, Márcio Souza já apresentava o sentido de saga nas primeiras páginas de sua escrita as contradições sociais e intelectuais na construção do movimento revolucionário:

Segundo o arbítrio do governador da Província do Pará, da mesma que num tempo não muito distante possuir um exemplar da Declaração do Homem significava receber a pena capital, sem apelação, teria o mesmo destino se fosse flagrado com os cadernos que levava comigo. (SOUZA, 2001, p. 20)

Neste fragmento, o caderno referido diz respeito às anotações do Coronel Fernando Simões Correia feitas durante os fatos ocorridos na região que correspondem historicamente os anos de 1783 a 1810. A seleção do tema liga-se ao desenrolar das circunstâncias narrativas cronologicamente marcantes, sob a ótica de Fernando, através de um olhar privilegiado de quem conheceu de perto os anseios dos paraenses à época.

O escritor amazonense assumiu com seus narradores um lado da história vinculado à visão emancipatória de um povo. Visão que contrapõe essa ideia é a do autor Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará) em *Motins Políticos* (1884), pois a própria palavra motim no vocabulário do século XIX possuía uma conotação menor, sendo utilizada para se referir a agitações de poucos significados políticos. Os *Motins Políticos* abordados por Raiol compreendem, de fato, três períodos da história do Pará durante o Brasil Império, os quais foram retratados em cinco volumes. A visão de mundo expressa em seu discurso o situa como um historiador de seu tempo. Sua concepção da história dos movimentos sociais prende-se a noções universalizantes, compreendendo-os através de leis de funcionamento da sociedade, por meio de uma influência indireta do modo de viver europeu.

Compreende-se Domingos Antônio Raiol como uma voz de seu tempo, assim como os narradores souzianos também. Na verdade, Márcio Souza recria e reinventa fatos e personalidades históricas, dando-lhes novas interpretações no universo ficcional, transportando ao leitor as vozes entre personagens desconhecidos e figuras históricas, ou seja, a história não é encarada por uma única ótica, o que implicaria, sem dúvida, limitar o alcance da visão ficcional desconcertante do autor amazonense, tornando a sua prosa meramente maniqueísta.

As atuações de personagens como Batista Campos, Félix Malcher, Francisco Vinagre ou Eduardo Angelim são recuperadas e deixam ver, por meio de seus grupos e proclamações, um questionamento ácido da relação entre a Corte do Rio de Janeiro e as Províncias do Norte, com isso, se está apenas iniciando essa trajetória de revolução e não se pode negar que a insurreição popular apresenta uma temporalidade própria, intimamente ligada ao quadro da vida política provincial, onde as divergências partidárias, amplificadas após 1820, no âmbito do complexo momento de redefinição/afirmação do Estado Nacional Brasileiro, mediavam o jogo de interesses conflitantes dos segmentos dominantes.

A identidade social e política se assentava no ódio à imposição do branco português na luta por direitos e liberdades, o que começou a esclarecer alguns antigos olhares da historiografia, pois os cabanos deixaram de ser tratados como malvados e sediciosos, para se tornarem patriotas, conceito entendido como cidadãos adeptos da causa brasileira. Houve quem percebesse essa articulação regional como uma guerra de Independência tardia, ou mesmo como um movimento nacionalista.

A Cabanagem, como produto do discurso histórico, ao longo dos anos de 1920 e 1930, na visão do autor Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, delineou outros eventos, e o movimento foi ganhando outros sentidos sobre suas lideranças e as motivações cabanas para a luta e o papel que os líderes cabanos desempenhavam e também a formação de identidades locais dentro do movimento de 1835. Neste contexto, nascia uma linha positiva e de continuidade nacionalista entre o processo de emancipação política no Pará e o movimento cabano. Os cabanos, vindos dos povos mais simples da Amazônia, efetivaram, contudo, uma luta insana, pois sua causa, em seu limite, levava a uma guerra separatista, o que contrariava o espírito pátrio, que prevalecia ainda nos brasileiros proporcionada pela Independência Brasileira em 1822.

Todo esse percurso preconizava a visão de que os cabanos viam o fim do governo português como a entrada em uma nova forma de organização e de melhoria de vida, o que não aconteceu, na verdade. Mesmo não se concretizando como uma revolução que pode até certo ponto ser vista como antiescravista, porém, ela deve ser reconhecida pela história brasileira como um momento de situação revolucionária na qual a expectativa de inclusão num novo quadro qualitativamente positivo, principalmente para os escravos africanos e servos indígenas.

Por essa razão, os intelectuais na Amazônia e no Brasil reinventaram esses eventos a fim de enxergar a complexidade do tecido social; por um lado, mais escravocrata e, por outro, com pensamentos mais abolicionistas. De qualquer forma, na visão dos brancos, os cabanos apoiavam-se em um ódio racial a eles, sentimento que aumentava ainda com uma herança de má administração portuguesa de cunho colonialista. Com isso obviamente, segundo Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, o historiador desenha uma linha cronológica, seja pelo vigor e força de determinados acontecimentos, seja como em alguns casos que a linha historiográfica é pensada pelo levantamento de documentação. Pode-se dizer, ainda nas palavras do autor, que uma cronologia emerge antes como resultado, sejam consciente ou inconsciente, das reflexões que o pesquisador empreendeu, levando em conta uma multiplicidade de evidências por ele selecionadas e analisadas. Portanto, história e ficção assumem perspectivas que podem ser associadas em via de mão única, pois uma corrobora com o que diz a outra; ou então a própria via dupla, já que tanto uma como a outra pode se contrapor ao estabelecido oficializante, permitindo novas reflexões a partir dos interesses em discussão.

Essas opções podem ir ao encontro, inclusive, no âmbito da pesquisa, dando maior disponibilidade de fontes para um dado período com as indicações esboçadas em trabalhos anteriores, etc., pois remetem às próprias condições materiais de produção da obra e de seu autor. Por exemplo, pelos registros existentes, sejam históricos ou ficcionais, é possível entender e elencar pontos que dimensionem as condições de vida, conflitos sociais, pontos de vista políticos, concepções religiosas e até envolvimento pessoais, juntando-se às concepções teóricas e à metodologia empregada, pois contribuem para sedimentar o lugar social de onde os historiadores e ficcionistas buscam visualizar, compreender e problematizar seus temas.

Isso significa dizer que os eventos, sejam eles quais forem e por mais impactantes que possam ter sido, não se impõem ao historiador como marcos ou balizas definidoras de um dado processo e nem ao autor de ficção. Quando muito, o historiador e o ficcionista podem justificá-los, reinterpretá-los e, assim procedendo, o fazem sempre a partir do sentido que lhes quer atribuir no domínio da palavra. Ou seja, são seus enfoques pessoais, sua problemática particular que, em última instância, fazem uma dada cronologia emergir e ganhar relevância. É nessa perspectiva que a história e a

ficção se entrelaçam, oferecendo juntas um novo ângulo sobre todos os fatos reconhecidos oficialmente pelos registros históricos.

Pode-se perceber que Márcio Souza não deixou de dialogar com o passado amazônico registrado nos livros de história, pois sua relação com o objeto estabelecia um diálogo crítico e dialético com o referente de maneira constante. Seu olhar direciona-se para uma tentativa de buscar uma consciência amazônica, de reavaliar o processo da região Norte representado principalmente nas suas obras estudadas em relação ao Grão-Pará e restante do país. Para isso, dialogou com a história, com diversos discursos responsáveis pela construção de uma Amazônia, por um lado, ainda em nossos dias estigmatizada e distante, por outro, um lugar sedento por identidade literária que busca ao longo dos séculos conquistar seu espaço seja local, nacional ou internacional. João Carlos de Carvalho, estudioso da poética souziana, diz-nos que a experiência de ler a obra desse autor nos leva a compreender que a “Amazônia já não é mais a última fronteira ou o grande mistério a ser desvendado. É uma região com um povo e suas particularidades próprias de sobrevivência, com séculos de experiência própria”. (2005, p. 223) Essa complexidade proporcionada pela fronteira, que pode ser conceituada como limite demarcante em determinadas situações; em outras, pode conotar ideia de uma linha a ser transposta; discurso da história e ficção tornam-se o liame das grandes narrativas de seus sujeitos que deram o sentido de amazonidade que temos hoje.

A união fronteiriça nos romances de Márcio Souza captou as vozes silenciadas pela história oficial redefinindo a importância regional pelas suas narrativas. Ele buscou compreender o caleidoscópio de imagem que é a Amazônia por meio de seus romances, utilizando suas personagens como representantes de uma consciência de uma época. Sua visão histórica reviveu os fantasmas de um sonho malogrado de liberdade de um povo, observando as condições específicas da localidade, trazendo a lembrança de um passado que determinou no presente uma formação regional.

É claro que isso só foi possível pelos registros captados anteriormente, alguns oficiais, o que propiciou que a ficção expandisse a maneira de recontar esses fatos, não limitando interpretações por meio dos narradores. Cada nova perspectiva oferecida ao leitor traz mais possibilidades de se demonstrar não só a diversidade social e ecológica da região, mas também uma relação dialógica entre autor-texto-leitor. Poder conversar

com os enredos das personagens, dando voz as vozes silenciadas pelo registro oficial, transforma o romance em uma arena de discurso se digladiando, tornando-se um campo ambíguo caracterizado por uma mistura de imagens multifacetadas ou um conjunto de discursos de ações múltiplas e contraditórias que juntos recuperam o momento da Cabanagem, mostrando a importância da integração da Amazônia ao Brasil, sonho muito antigo, antes mesmo do Primeiro Ciclo da Borracha.

Por isso, o mosaico construído pelos diferentes pontos de vista sob a ótica da ficção e/ou do discurso historiográfico garante uma riqueza acumulada por séculos de construção discursiva. É na importância dada por cada escritor que o privilégio do conhecimento forma uma cronologia de eventos passados, pois são os desempenhos de cada indivíduo, comunidade que evocam as características marcantes de cada voz, o momento vivido e relatado. Portanto, com as linhas de vozes cruzadas, entra-se em contato com o amálgama dos sentimentos humanos mais íntimos, sua existência e necessidade de marcar/registrar sua existência.

A Amazônia será uma esfinge cheia de muitas contradições e a raiz dos que vivem na região é uma lembrança com características hereditárias de todos que lutaram e deixaram marcas escritas em relatos, romances, ensaios e nos livros de histórias. É notório o registro das mais diversas manifestações humanas, dentre elas, o romance que oferece pistas para se construir um perfil dentro de uma sociedade.

A Cabanagem, nesse contexto amazônico, foi entre outras formas uma maneira de se afirmar como uma elaboração mais acabada da organização das classes revolucionárias com teoria e ações conjuntas que permitissem a realização das expectativas de uma consciência regional, independente. Ações que estariam agrupadas num modelo organizado pelos intelectuais com perspectivas ideais para o povo. Como temática tanto de historiadores como de ficcionistas, a Cabanagem é um capítulo especial da formação da região Norte, não apenas no sentido romantizado, porém, como um fato emblemático da memória de descaso e violência, refletindo um levante revolucionário local, com características visionárias.

No que se refere à diversidade e às diferenças das produções literárias apontarem para uma perspectiva mais aberta ao romper com uma única forma de ensinar a história, o ideal seria um processo educacional em que o professor pudesse atuar mais ampla e decisivamente, junto ao aluno, estudando os detalhes que compreendem o importante

momento discutido para poder adentrar à obra ficcional. O que tem predominado, são leituras simplesmente impostas, sem acompanhamento didático razoável, que permita uma orientação qualificada por parte do professor. O aluno, ou o leitor-aprendiz, necessita de parâmetros e projeções previamente estabelecidos por meio de um quadro de objetivos que possam ser partilhados aula a aula, na relação texto e contexto.

O que Márcio Souza fez surgir em seus narradores é resultado desse choque discursivo entre história e ficção, eles têm uma questão central que são suas relações, de um lado, como parte fictícia, de outra, como vozes da própria historiografia. Nesse sentido, enquanto, o exercício de contextualização da Cabanagem, de construção constante de precisão e rigor da história, pode vir a ajudar o leitor-aprendiz a se aproximar melhor do fenômeno literário. Marcuschi menciona

a necessidade de trabalhar o leitor (o aluno) numa perspectiva crítica, desenvolvendo nele capacidade de raciocínio para além da contextualização cognitiva estrita. Só assim surgirá o leitor crítico capaz de processar o texto em qualquer circunstância, sem estar apenas investindo sua subjetividade. [...] num primeiro momento deve-se ter o máximo respeito pelo leitor que se tem pela frente e, num segundo momento, deve-se partir para um trabalho efetivo e crítico junto a este leitor, para que ele se liberte pelo menos dos elementos puramente idiossincráticos. Neste treinamento devem entrar não só os aspectos inferenciais vistos, mas processamentos estritamente linguísticos, presentes na conexão sequencial (coesão) e na conexão conceitual (coerência), pois a compreensão de texto não deve ser tida como um simples processamento arbitrário. (1985, p.122)

Com essa variedade de acervos literários nas bibliotecas escolares, que garantem a democratização da leitura, ao se ter acesso às experiências da leitura, em seus diversos registros, não mais composto prioritariamente por obras consideradas canônicas e de leitura obrigatória, mas que contempla uma multiplicidade de vozes, oportuniza-se ao educando a possibilidade de escolha e a aproximação de suas necessidades regionais. Ao remeter à vida, a literatura fala da existência humana, dos problemas vividos por todos os humanos, das contradições existenciais. Quanto mais identificação o aluno teve com o seu objeto de leitura e estudo, mais ele pode se motivar com esse exercício. Cabe ao professor traçar os objetivos e ampliar o leque de possibilidades interpretativas durante o acompanhamento do processo de interação em sala de aula. No trabalho de mediação, que busca o estabelecimento de um diálogo entre a história e a ficção, aproximam-se o registro oficial e a ficção para entender a dinâmica da revolução popular. Ao orientar o seu aluno no sentido de adquirir uma qualidade de leitura, o

professor dá a ele condições de conciliar perspectivas entre vida e texto, passado e presente.

3.2 *Lealdade*: espaço-tempo na reconstrução ficcional da história

Em sala de aula, o aluno cria uma expectativa em relação aos textos ou obras estudadas, e a literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina a se perceber que há mais do que se diz explicitamente, relacionando as forças da articulação da linguagem para melhor entender o contexto histórico e social em jogo. A tarefa do professor é oferecer caminhos ao leitor-aprendiz, compartilhando as zonas sombrias existentes nas obras; muitas vezes, a elipse na literatura é organizada de forma proposital, o que permite diferentes níveis de significados pelos indícios dos vazios de linguagem.

Nesse sentido, o processo proposto vincula-se à maneira como o profissional abordará os elementos internos do enunciado em direção a uma leitura mais interpretativa de acordo com às necessidades de contextualização. Duas sequências são colocadas como estratégia de trabalho: a primeira, trabalhar inicialmente os aspectos históricos das obras; depois, elencar os pontos de apoio na articulação da linguagem para poder investir na relação forma/fundo. João Carlos de Carvalho argumenta que

definir, por meio do gosto pessoal, o que é assimilável ou não por um público de iniciantes é talvez uma das tarefas mais desafiadoras ao professor da área de língua e literatura. Por outro lado, quem sabe esse desafio não se torne uma realização quando os elementos do texto articulam os propósitos finais de percepção a serem atingidos: a estrutura e o sabor. (2016, p. 63:64)

Por isso, cada aprendiz tem um potencial a ser desenvolvido e a literatura oferece o exercício experimental que aumenta a capacidade de entendimento de mundo. Tal recompensa é justificada pelo esforço de ler. Assim, o texto literário é o desafio de encontrar caminhos possíveis de compreensão, pois todo o segredo do desenvolvimento da atividade ofertada ao aluno se encontra na linguagem que tem poder de criar, terminar e reiniciar as expectativas em torno do objeto texto-mundo. O texto é o objeto que configura um diálogo aberto, e quanto mais possibilidades, mais abertura para enfrentamento interpretativo, no entanto, o professor deve conduzir a interpretação no início, para indicar a constituição parte-todo. É nessa relação com o objeto (texto-contexto) que se vislumbra uma redescoberta, ou um brilho, a cada passo em direção ao conhecimento aprofundado que a literatura envolve. Bakhtin esclarece que a experiência

verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua (1992, p. 313), o que significa ser necessário por meio de uma relação de confiança entre docente e aluno.

O desafio em sala de aula é um convite ao professor para ser um intermediário entre o leitor-aprendiz e o texto, proporcionando um diálogo que leve a uma identificação com a obra em tela. O docente, dessa forma, não desvincula a leitura das expectativas de cada iniciante, pois se espera encontrar algo, pelo menos, uma realidade reconhecível, como no caso do levante da Cabanagem, deve ser precedido pelo máximo de analogias possíveis em relação ao se viver na Amazônia.

O profissional em sala de aula pode destacar que o primeiro volume está dividido em três partes. Cada uma dessas divisões no livro representa uma etapa da Cabanagem. No primeiro, o narrador é a voz da memória por meio dos fatos ocorridos nos idos de 1783 a 1810; o segundo, os fatos entre os anos de 1810 e 1821; e o terceiro traz as circunstâncias do trágico ano de 1823. Essas etapas são cronologias organizadoras para o autor esquematizar em sua prosa a ordem dos acontecimentos que principiaram o levante cabano doze anos depois. Assim, todas as situações podem ser percebidas como estímulos para o leitor-aprendiz sentir-se parte dos aspectos da vida social paraense e conhecer os motivos que produziram uma profunda crise moral no decorrer daqueles anos.

O narrador em primeira pessoa, em *Lealdade*, Fernando Correia, por exemplo, tem seu contexto alicerçado na transformação social do Grão-Pará, que pode por um lado ser visto como inserção da Amazônia na era moderna; por outro, esse processo trouxe a região paraense um conflito acirrado entre os defensores da coroa portuguesa e os opositores que buscavam independência. A situação esboçada irá compor todo o trajeto da trilogia souziana, e a voz escolhida em *Lealdade* é compreendida pelo discente como uma fronteira entre a voz do autor e de sua personagem, esta última, como voz representante de sua época em um momento tenso e de redefinições.

Nessa linha interpretativa, vai ficando claro para o aluno que Fernando Correia se posiciona com um tom altivo e de determinação para compreender todo o processo que a região estava fadada a passar naqueles anos de independência política do Brasil. Da mesma forma, passa a entender que a identidade da personagem vai sendo construída em seu embate com o espaço em que ele se encontra e em sua relação com o “outro”.

Nesse campo, o vínculo com o espaço influencia o narrador-personagem a agir de uma maneira crítica nas situações narradas. O ambiente do romance, nesse sentido, infla o leitor-aprendiz às suas próprias interpretações, ao se dar conta, principalmente, que o narrador depende de uma memória pessoal para evocar os acontecimentos. Na verdade, o leitor-aprendiz, assim, poderá relacionar os acontecimentos ao prosseguimento da narrativa, mantendo um maior interesse pela leitura.

O conhecimento da estrutura contextual triplanar do livro *Lealdade* proporciona até certo ponto um domínio por parte do aluno, pois esse vai se apropriando do sentimento de não-identificação inicial de Fernando com os caminhos políticos que contaminavam o Grão-Pará naquele momento pós-independência: “– O meu país é Portugal!” (SOUZA, 2001, p. 57) Depois, uma sensação de despertamento em relação a sua origem o domina, e encontra apoio com os nativos às suas indagações e decide lutar contra a dominação portuguesa. É um olhar enviesado e idealizador que se destaca na recriação do fato histórico, colocando-o, portanto, ao lado do Grão-Pará e do Brasil, entrando em conflito com a força centralizadora representada pelo governo português:

...e olhei com novos olhos os dois jovens índios, meus companheiros. Sim, meus companheiros. Porque eles também logo serão exilados e estrangeiros nesta terra que já foi o reino de sua raça. Os índios em breve estarão aqui tão deslocados quanto todos nós e já não haverá mais do que a beleza do desespero. (SOUZA, 2001, p. 231)

Nota-se que a maneira de olhar do narrador cria a imagem de um ser amazônico, estabelecendo um diálogo efetivo com suas origens mesmo que repleto de indagações, pois ele concilia as vozes da região a sua, o que evidencia a necessidade de novas entonações para o preenchimento dos vazios da história. A ficção claramente se apropria do contexto para uma releitura. Essas nuances garantem um fio condutor que justifique todo o desenrolar do enredo, dando um tom confessional e de credibilidade ao personagem principal para o leitor-aprendiz. Ele percebe que o discurso refratante do outro apropria-se da voz do narrador e o universo relatado se torna mais dinâmico. Portanto, estamos lidando com um potencial de percepção muito acurado em relação aos fatos, ou propriamente ao contexto histórico:

...certas lembranças, eu as lançava simbolicamente ao fogo, outras, as destruía como uma criança destrói um brinquedo, só para ver o que há dentro. O que me deixava triste era que nada restaria além do tempo indiferente. [...] naquele ano o açaí tinha sido mais cremoso e abundante. (SOUZA, 2001, p. 38)

A introspecção nesse momento traz uma reflexão sobre a noção de sujeito e sua identidade ao tempo vivido, ganhando mais autonomia na relação com os grandes conflitos e se distanciando da voz do autor – que apenas garante a funcionalidade estrutural do romance e não se confunde com a voz do narrador propriamente–; ao dar lugar a esse eu privilegiado, narrador estratégico, o dialogismo funciona como pivô de interrogações, pluralizando a construção discursiva, ampliando as possibilidades de mais elementos perceptivos no jogo texto-mundo. Para o leitor-aprendiz, o reconhecimento das indagações são como pistas, junto à orientação/provocação do professor, que filtra a passagem dos fatos apresentados e demonstra o interesse de acompanhar a personagem, passo a passo, a buscar seu lugar de pertencimento, construindo o valor semântico e estético da obra como um todo, ou seja, por meio da leitura orientada, procura-se um encaixe entre o leitor e o texto em sua dinâmica de significação dos elementos prosaicos sob a própria articulação literária. Assim, o professor, ao realizar a leitura orientada com os alunos, já os torna leitores privilegiados, capazes de indagações na relação texto/contexto.

Ao compreender o mapeamento da obra, o discente consegue enxergar os porquês da figura de Fernando se tornar a voz principal naquele primeiro volume. Nas palavras de Walter Benjamin a figura do narrador tem o dom de poder contar e se mantém fiel a sua época (1987, p. 221). No romance *Lealdade*, Fernando recebe este status privilegiado de ser essa consciência temporal entre o passado e o presente. Ele passa a ser o encarregado de ilustrar discursivamente, na sua perspectiva expressiva e pessoal do campo semântico, o discurso de outrem (sua própria época, com direito a todas as contradições possíveis); seu relato é pautado nas várias vozes da região associadas a sua, como o próprio Bakhtin (1993, p. 135) nos ensina: “o sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social”. Nesse instante, a complexidade dos fatos ou acontecimentos históricos assume uma dimensão que pode levar esse leitor-aprendiz a uma nova dimensão de controle e análise que, sem dúvida, passaria despercebida se não houvesse a intercessão da figura do professor-orientador.

Com o aparecimento das personagens históricas, por exemplo, a do cônego Batista Campos, um importante ativista político daquele período, a relação texto e contexto ganha mais credibilidade na obra e isso deve também ser percebido pelo leitor-aprendiz: “na perspectiva do tempo, vejo que Batista Campos me impressiona menos por sua

verve polêmica que pelo fato de ter uma opinião clara, o que o tornava uma raridade nos meios eclesiásticos e intelectuais de Belém”. (SOUZA, 2001, p. 87) Tal articulação impõe uma autenticidade aos fatos e sensações narradas, pois o leitor-aprendiz passa ser desafiado pela própria sofisticação psicológica apresentada sobre o delicado momento político pelo qual passava a Amazônia à época. A voz do narrador torna-se mais uma enunciação do que um enunciado na compreensão do pensamento alheio por parte do narrador.

A intertextualidade pode ser outro destaque apresentado ao leitor-aprendiz: “...aconteceu que o insigne capitão [...] se apaixonara tardiamente por uma senhora [...] Havia diferença de anos entre os dois apaixonados, como houve entre Davi e Betsabá [...] aliás, havia muita coisa parecida...” (SOUZA, 2001, p. 64:65), traz uma imersão aos pontos de ligação entre histórias distantes cronologicamente para justificar ou criar situações com as mais intensas emoções para o leitor-aprendiz e ao mesmo momento fundamentar como os contextos se interligam. No trecho citado, mais adiante, a beleza de Betsabá é comparada à beleza brejeira náiade, ninfa de água doce, e a narrativa prossegue na sua maneira serena, sem aparente consciência da violência no interior do enredo. Para o iniciante, essa opacidade na caracterização intertextual funciona como uma espécie de suavização quase irônica entre o que é narrado por Fernando e o que realmente acontece no interior dos acontecimentos historicamente documentados.

À medida que o movimento interpretativo aprofunda-se, o leitor-aprendiz é convidado a refletir juntamente, com o professor, quais pilares são importantes para melhor compreensão da história da Cabanagem e a relação com a obra em tela. Ele coloca em questão pontos sobre o sentido da vida e da própria existência da formação da amazônica, principalmente, por ser uma história pouco conhecida até mesmo no Norte, onde tem sua origem. Só pela dinâmica entre o poder do ficcionista e o do historiador, muito bem articulado por um autor com tantos recursos como Márcio Souza, pode-se chamar a atenção para uma escuta privilegiada dos próprios fatos em turbilhão, representando-os à luz de muitas outras vozes; há, sem dúvida a voz da historiografia oficial ao lado de outras vozes, ou intertextos, dialogicamente retramados à luz da relação passado-presente. Iluminar essa relação é um dos propósitos do autor e o aluno acaba por compreender isso dentro da própria dinâmica explicativa em sala de aula.

Podemos perceber também como são fomentados os aspectos particulares da comunidade amazônica: “...lembranças jogadas ao fogo e o açaí abundante”. Com essas considerações, o leitor-aprendiz, a partir da sua carga de interesse pela história documentada, experiências pessoais de leituras e explicações anteriores, consegue se dar conta que a relação entre o sentido pessoal e amargo do narrador, dado aos fatos, estão sempre contextualizados a um universo provocador de sensações muito próprias.

Lealdade tem uma linguagem, portanto, que descreve paisagens estrategicamente bem delimitadas geográfica e humanamente. O leitor-aprendiz não pode se deixar enganar à primeira vista, pois a história e a ficção são aliadas tênues que jogam na arena romanesca com a organização de ideias próprias, do interesse do prosseguimento narrativo-dramático. Ou seja, as palavras são escolhidas pela força representativa que guardam significados no campo sócio-cultural-histórico, porém, junto à percepção cada vez mais subjetiva do narrador. Há uma organização da atmosfera de espaço-tempo e a voz do narrador pode antecipar os elementos composicionais do ambiente com imagens de um antes e um depois, em um ou mais lugares que entram em cena:

A ponta das Pedras servia como desembarcadouro principal de Belém, onde diariamente atracavam centenas de canoas trazendo carregamentos de castanha-do-pará, de remédio, canela, salsaparrilha, cacau, urucu, copaíba, folhas de cheiro e de remédio, além de papagaios, araras, macacos, cobras, tatus, capivaras e gatos maracajás. [...] Em Belém, todos andavam calçados. Ao contrário de Lisboa, onde os muitos pobres enrolavam trapos nos pés ou os camponeses usavam uns pesados e grosseiros tamancos... (SOUZA, 2001, p. 63)

A enumeração ajuda a inserir o leitor na atmosfera amazônica na sua efervescência econômica da época com seus valores e costumes. O nome das cidades Belém e Lisboa compõem uma relação comparativa metonímica por ligar as partes ao todo. O que sobressai é a melhor qualidade de vida da filial em relação à matriz. A estratégia usada pelo autor é a de ativar uma aproximação entre cidades distantes, geograficamente, no entanto, próximas na sua relação identitária e descompassadas na sua condição social. O fato histórico ganha relevância por esse foco e faz o leitor mergulhar em uma dinâmica de mundos que justificará, mais adiante, as ações das personagens humanas. As cidades se tornam personagens emblemáticas de uma época em que tudo parecia vocacionado para o futuro de Belém, como cidade central da Amazônia daquele momento. As marcas comerciais dessa cidade são marcas de expectativas projetadas pelo grupo paraense com seus ideais de uma região promissora, sendo assim, isso também pode enunciar ao

leitor-aprendiz uma possibilidade de decadência da matriz em relação à filial, o que justificará as ações violentas desencadeadas pelos cabanos quando não tiverem suas reivindicações atendidas anos depois. Talvez essa estratégia seja assimilada pelo leitor-aprendiz por meio da própria habilidade da narrativa em aproximar o espaço físico e o tempo cronológico num único parágrafo. Para esse leitor-aprendiz, essa passagem terá de significar mais que apenas um fato relatado, porém uma maneira própria de acelerar ou retardar de acordo com os interesses de andamento do enredo. Enunciação e enunciado andam lado a lado nesse exemplo, provocando uma atmosfera de compartilhamento de ideias de um ideal de região que, entende-se, estava já incrustado naquele período histórico.

No próximo fragmento, o domínio de espaço-tempo é retomado nas descrições dos elementos físicos “Porto do Haver-o-peso”, “sumaca”, “cetáceo”. Nesse caso, a memória está associada às lembranças que são ativadas por meio de ícones pertencentes ao espaço e que se desdobram em rearticular as forças dispersas do momento:

Porto do Haver-o-peso. Era noite. Quente, de suor grosso, sufocante. Uma sumaca estava aportando, aproximando-se lentamente como um sonolento cetáceo a banhar-se na água oleosa. As lamparinas de embarcação eram como pantanosos túneis de luz, onde alguns passageiros se comprimiam, da mesma forma que as mariposas. Esta é uma lembrança de quase dez anos, porque a noite tem a fugaz consistência do passado. Uma noite em 1810. (SOUZA, 2001, p. 131)

O professor pode mostrar imagens da internet do Porto do Haver-o-peso (um dos mercados públicos mais antigos do país), também de uma sumaca, ou um cetáceo para uma melhor compreensão e ao mesmo tempo propiciar as identificações mais imediatas, aguçando um olhar mais criterioso por parte do leitor-aprendiz. Da mesma maneira, usar a composição imagística construída pelo narrador como ativador de curiosidade complementar que, às vezes, passam despercebidas em uma primeira leitura rápida. Pode enfatizar, também, o modo como é registrado as impressões nos contrastes entre a luz e a sombra, por meio do uso de frases curtas no parágrafo, movimento causado pelos adjetivos que remetem a uma percepção impressionista de cores, luzes e sombras, caracterizando o local como um grande quadro. Assim, como a sequência da linha do tempo cronológica permeia a sinuosidade de idas e vindas de todo o enredo para os encaixes das circunstâncias que serão rememoradas, nesse caso, “a memória serve de

tela para a pintura do passado e tende a transbordar a moldura histórica”. (SILVA-SELIGMANN, 2003, p. 17)

Mesmo em um breve trecho selecionado como esse, poderá valer por toda uma aula se os elementos escolhidos se entrosarem na didática da explicação. Na leitura ou releitura posterior, o aluno estará mais apto a prestar atenção aos pequenos detalhes de composição que compreendem um modo de narrar próprio. O narrador faz de sua memória um artifício para amplificar a percepção do outro, a refletir na cidade como a grande personagem que perpassa os tempos possíveis permitidos pela magia da literatura e, em especial, da prosa.

É nessa perspectiva, que a importância de todos os elementos composicionais da narrativa são pertinentes na análise abordada pelo docente. São eles que incrementam a formação leitora, pois a relação de cumplicidade entre professor e aluno se alicerça no diálogo, e se apresenta como carta coringa para o profissional dispor através da dinâmica da história para um melhor aproveitamento na hora de ler de modo atento com seu aluno. Sem dúvida, quanto mais apropriação do objeto, mais o leitor-aprendiz estará preparado para enfrentar outras leituras desafiadoras, seja em condições para escrever textos analíticos, tornando-se produtor.

Nesse sentido, tanto a historiografia como a ficção são instrumentos imprescindíveis para Márcio Souza trazer à tona questões pouco discutidas sobre a formação da Amazônia de ontem e de hoje. Ele não pretende, certamente, reconstruir o passado tal qual, mas trazer o esclarecimento sobre o pano de fundo que faz circular as ideias e a humanidade. Fica evidente para seus leitores que essa compreensão permitiu definir as relações que até hoje estão presentes na Amazônia, trazendo uma identificação conceitual com um modo de ver os fenômenos. Portanto, as marcas da passagem do tempo se projetam como uma maneira de elucidação dos vazios históricos e a linguagem compõe o imaginário do leitor que estará cada vez mais preparado, disposto ou pronto para lidar com uma trama cada vez mais complexa, entre os fatos e as reações impressionistas do narrador:

Eram cinco da manhã, o sol estava nascendo. Uma luminosidade rubra irisava-se nas flores dos jardins das casas adormecidas. Os pássaros ainda não cantavam. [...] era a maravilhosa tranquilidade das madrugadas da cidade, que se perderam para sempre no tempo. (SOUZA, 2001, p. 134:135)

Neste excerto, a presença da natureza é refletida como parte importante na vida cotidiana do narrador, construindo um ambiente que dialoga com o versátil fluxo cronológico. A imagem do dia se transforma com o espírito humano, refletindo o estado emocional, movimentando-se com a personagem em suas divagações por meio de uma descrição que capta presente e passado simultaneamente. Todas essas definições parecem condicionadas à ação e comportamento de Fernando, uma (in)quietação que inunda não só seu âmago, mas toda Belém.

Por isso, percebe-se como a elaboração cuidadosa da linguagem trata os fatos com liberdade e acaba preenchendo os vácuos com situações e intercruzamentos com a própria contaminação de seu momento histórico; um momento de transições onde a percepção da paisagem está muitas vezes atrelada ao próprio poder de estratificação da linguagem da prosa, assimilando os elementos mais díspares no seu processo de compreensão. Dessa maneira, colocar lado a lado fontes históricas e a maleabilidade do ficcional faz surgir novas forças dialógicas como se cada elemento da narrativa separado já representasse um enredo, no entanto, unidos, percorrendo linha a linha os episódios que vão formando um mosaico que só pela linguagem se é possível produzir. O professor tem, a essa altura, um material precioso em mãos e partilha com seu aluno para que ele se dê conta do número de referências que lhes chega às mãos.

Nesta perspectiva, percebe-se que Márcio Souza foi, antes de tudo, um pesquisador assíduo das fontes primárias e secundárias que lhes revelaram os costumes da região e sua literatura ganhou um legítimo ‘consórcio’ entre conhecimento histórico e saber artístico, propiciando o diálogo entre Literatura e História. Portanto, todo esse enlace privilegiado pela consciência de Fernando proporciona ao leitor-aprendiz uma forma de revelação dos modos de pensar, de sentir e agir¹⁰ dos paraenses antes da Cabanagem, naturalmente, um auto(re)conhecimento e uma construção do contexto histórico da Amazônia em um momento fervilhante de definições e confrontos.

O aluno, tendo esse contato mais intimista orientado pelo docente, aprende a preencher os vazios históricos com o campo sugestivo aberto pelos narradores, com suas dramatizações internas e externas, e apreende o texto literário como um objeto estético e artístico capaz de reverberar muito mais do que o esperado inicialmente, pois

¹⁰ O leitor-aprendiz em sua leitura atenta pode se maravilhar com cada linha e o que é dito pelos personagens, nesse sentido, pensar, sentir e agir expressa as circunstâncias e o estado emocional dos personagens dentro do contexto social da narrativa.

a linguagem literária “interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam”. (TODOROV, 2009, p. 65) O professor, em sala de aula, tem as condições de implementar uma dinâmica de ensino capaz de acelerar os padrões de reconhecimento do aluno e torna-lo mais apto a leituras de níveis cada vez mais elevados. Dessa forma, o entrelaçamento entre história e ficção na prosa do autor amazonense possibilitou os pontos de contato entre os sujeitos idealizadores de uma independência paraense e a complexa entrada da Amazônia em uma modernidade que envolvia todo o Ocidente:

- Nesse momento – prosseguiu o cônego –, os ingleses nada podem fazer contra a França. Se a atacarem, pagarão o mesmo preço pago pela Prússia. O amanuense se levantou, pálido de raiva.
- Mais um dia, menos dia, o monstro será liquidado. Os ingleses jamais desistirão, tenho certeza.
- O destino de Napoleão pouco nos interessa – sentenciou Batista Campos. – É claro que ele terá um fim, mas no que nos diz respeito, o estrago já está feito. Daqui para frente, temos é de nos preocupar com o nosso futuro. No meu entender, acho que Portugal tem apenas duas opções: ou é anexado à Inglaterra, ou aceita reformas liberais que acabem com o despotismo da casa de Bragança. Quanto a nós, não há outra alternativa: independência. (SOUZA, 2001, p. 86)

Percebe-se que o fragmento expressa o contexto histórico mundial das guerras territoriais entre ingleses e franceses, uma referência à guerra ao Bloqueio Continental, como também menciona o estadista e líder militar francês Napoleão Bonaparte. O que se pode constatar é o uso da historiografia como uma reafirmação dos pontos de referências importantes da contextualização que deve ser levada até o aluno. O espírito amazônico nesse debate aparece em defesa de seus ideais, no mínimo, três faces podem ser enfatizada pelas concepções políticas das personagens. A primeira é uma maneira de manifestar emoções; segunda, significações de perspectivas pessoais e coletivas e, terceiro, transposição estética da realidade para o mundo ficcional. Explorar esses pontos são fundamentais para um amadurecimento a longo prazo no prosseguimento da leitura ou releitura. Com isso, fazer o aluno se interessar por um tema pouco conhecido; dar a ele condições de amadurecer opiniões; todos esses aspectos estão aí para que ele entenda por que Márcio Souza se debruçou sobre questões amazônicas do passado e ajudou a construir a concepção que se tem sobre ela enquanto lugar que tem uma força discursiva própria, gerada e nutrida há pelo menos dois ou mais séculos.

O processo de construção da leitura do romance *Lealdade* revelou indícios sobre a configuração da Cabanagem e das relações conflituosas existenciais de uma personagem que, assim como o Grão-Pará, almejava identidade. Cláudia de Mesquita (2009, p. 12) afirma que as reflexões e o amadurecimento do protagonista Fernando, juntamente com as descrições do espaço modificaram-se com o passar do tempo como sinal de que a própria região, assim interpreto, ganha uma melhor visão de si própria. O narrador passa a enxergar uma cidade com vida própria: “estava fora há oito anos, e encontrei Belém bastante mudada. Não era mais a cidade empestada, cheia de valas de água pútrida e casebres periclitantes, mas uma cidade que tomava jeito de capital”. (SOUZA, 2001, p. 62) É a percepção do outro que amadurece o narrador, assim como amadurece a narrativa. Aumenta os graus de sensibilidade de captação de força prosaica, trazendo a necessidade de convidar mais elementos para recheiar o bolo, a massa verbal e nos entregar um universo cada vez mais rico de referências. Essas referências só podem funcionar na sua forma literária e o professor acentua esse aspecto para que o aluno, o leitor-aprendiz, saiba que está lidando com um fenômeno da linguagem. A realidade histórica ali só ganha relevo por conta dos recursos explorados que possibilitam colocar vários elementos emblemáticos lado a lado, ou avançar ou acelerar o tempo cronológico de acordo com as possibilidades simbólicas a serem exploradas. Essa abordagem dada à Cabanagem foi uma espécie de libertação ‘instintiva’ encontrada para anexar as vozes dos excluídos da História, seja a dos cabanos, seja a da elite, entre disputas de espaço para redefinir politicamente a região, fosse pelo lado da aceitação da independência nacional, seja pela atração ainda forte às raízes portuguesas.

3.2 *Desordem*: o enquadramento sensível do tempo-espaço no impasse político

No segundo volume a mudança na figura do narrador pode dizer muito em relação a maneira como os fatos serão capturados, agora, pela perspectiva feminina, talvez de um ponto de vista mais intimista. Em *Desordem*, o diálogo com o sentimento contraditório da narradora se projeta de uma maneira poderosamente imaginativa; o leitor-aprendiz mais uma vez é convidado a enfrentar e descobrir outros pormenores sobre os pré-acontecimentos da Cabanagem sob um prisma diferente, identificando as palavras que marcam o tempo e o espaço dentro do enredo e como elas dinamizam a

passagem dos fatos selecionados, direcionando o aluno mais uma vez à dinâmica histórico-social da região.

Em *Desordem*, O autor utiliza os mesmos artifícios cabíveis para revelar os pormenores que levaram a Cabanagem com um olhar que explora o realismo, sem abrir mão do sensível. Em sala de aula, nesse sentido, é necessário provocar novos interesses no aluno a fim de formar nele, numa certa altura, um leitor analítico definido por Umberto Eco “de paladar esteticamente fino, interessado na linguagem”. (2003, p. 209) Porém, sabe-se que não existem leitores exclusivamente estéticos, o chamado segundo nível; para tornar-se um, aliás, é preciso ter sido um bom leitor convencional, ou semântico, o dito primeiro nível. (ECO, 2003 p. 208) À maneira que se aprofunda um estudo de uma obra, a tendência é uma melhora significativa dos parâmetros de domínio do processo da escrita. A tarefa do docente é despertar nos alunos o interesse de buscar seus objetivos pessoais e profissionais futuros e, para isso, o desenvolvimento da leitura perpassa todas as áreas de estímulo em sua vida social também. Essa questão pode ser encontrada no romance por ser um gênero capaz de lidar com as temáticas humanas mais ecléticas, desde as escolhas de cenas, diálogos inesperados, até a inserção das peculiaridades locais por meio de cheiros e sabores reconhecíveis pela imaginação. O leitor-aprendiz torna-se um potencial produtor ao aprender a identificar os elementos de construção do texto literário.

A personagem Simone é descrita como “sempre bem vestida, elegante, mas de hábitos simples” (SOUZA, 2001, p. 108), por meio de uma aparência singela que contrasta com a mulher forte e de uma inteligência diferenciada para os conflitos políticos da região. Ela funda e representa uma sociedade de mulheres já emancipadas:

como sempre fui uma inquieta, não me cansava de dizer aos paraenses, às companheiras da Sociedade das Novas Amazonas, ao próprio Pedro, que não se podia fazer impunemente um pacto com a guerra, perpetuando os conflitos políticos e fechando a porta para uma saída honrosa. (SOUZA, 2001, p. 148)

A personagem, claramente idealizada, passará a ter uma visão privilegiada, politicamente, dos acontecimentos, compreendendo a dimensão avassaladora de “uma década de conflito” (2001, p. 147), na paisagem da cidade de Belém da época. Com isso, o autor investe, nesse segundo romance, no destaque da figura feminina dentro dos acontecimentos revolucionários em curso. Dessa forma, o leitor-aprendiz se vê obrigado a perceber as sutis mudanças de foco dessa narração, também, em primeira pessoa. O

professor tenta chamar a atenção para os pontos que são selecionados pela ótica feminina da personagem. Aqueles aspectos emblemáticos que compreenderiam uma posição específica no centro dos acontecimentos e maneira como a narradora apreende a relação eu-mundo, eu-outro.

No fragmento: “meu regresso ao Pará foi quase como descobrir um país inteiramente novo. [...] O que estava acontecendo com Belém? Era uma cidade que estava morrendo [...] ninguém se dava conta, mas a orgulhosa capital dos paraenses começava a gangrenar”. (SOUZA, 2001, p. 115-16) É possível perceber na primeira afirmação uma expectativa que aparentemente poderia ser interpretada como uma sensação de bons presságios, algo natural que acontece com qualquer pessoa que passa mais de oito anos distante. No entanto, a interrogação abre margem para uma antecipação ruim, o que significou mudanças físicas de decadência profunda na cidade paraense. Ajudar o leitor-aprendiz a perceber essa sutil mudança possibilitada pela mudança de foco espaço-temporal, consolida, aos poucos, uma trajetória histórica que será determinante para a sequência dos acontecimentos. O agora, leitor-analítico, tem condições de acompanhar, com pertinência, a relação tempo histórico/tempo narrativo. A dinâmica trazida pela voz da narradora dimensiona duplamente, portanto, o espaço citadino, no antes e depois, e convida o aluno a mergulhar nas sutilezas da construção narrativa para as mudanças de tom.

Márcio Souza, sem dúvida, com seus romances sobre o Grão-Pará, deixa um legado muito importante sobre a memória de uma região, que é evocada no leitor-aprendiz a cada momento em que ele é chamado a atenção para a leitura atenta; como diz Harold Bloom, “exorto o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à avaliação, à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê”. (2000, p. 15) Essa empatia, no romance, permite a percepção do outro num tempo e espaço diferente da do leitor. Essa é a magia provocadora da literatura. Como diz Harold Bloom, “para sermos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana precisamos ler como seres humanos”. (2000, p. 14) Nessa perspectiva, ao leitor-aprendiz oferece-se um universo de possibilidades de integração, entre sua própria experiência de vida e como ele seria capaz de enxergar a mesma

experiência no outro. O professor passa a ser um artista na arte de educar e na arte de criar condições melhores para o processo de formação.

O olhar do leitor-aprendiz precisa ser redimensionado nesse aspecto de cuidado constante com a estrutura do romance. Na obra, por exemplo, a narradora organiza o seu material, em vários momentos, como uma alavanca para a sua percepção sensível do fato, obviamente não se limitando ao fato. Em *Desordem*, as mesmas personagens são apresentados dez anos depois, sob um novo alcance narrativo, por meio de Anne-Marie/Simone. Maria Cláudia Mesquita (2009, p. 2) esclarece que Márcio Souza inicia o romance com essa dupla identidade, pois o autor opta por manter o que ela considera como sendo os nomes verdadeiros das personagens principais por meio dos livros supostamente pesquisados para escrever o romance. Tal informação é apresentada em uma nota introdutória, supostamente assinada por uma professora de literatura amazônica da Universidade Federal do Pará, Terezinha Chermont de Miranda. Esta mudança causa o efeito de metaficção ao introduzir uma ficção dentro da própria narrativa ficcional. Observa-se, portanto, que Fernando e Simone, em *Lealdade*, são, respectivamente, Pedro e Anne-Marie em *Desordem*. O leitor-aprendiz se dá conta que se trata de mais um subterfúgio da trama literária, sempre testando a capacidade de atenção do ato de leitura.

É interessante observar também que, ao mesmo tempo em que a narradora vai construindo as imagens da época, também vai descrevendo todo processo pessoal vivido por ela e Fernando/Pedro. Ela dialoga com aspectos sociais e históricos, reconstruindo a ligação íntima entre a relação individual e coletiva dos moradores do local. Importante destacar, para o aluno, cada fragmento do romance foi escolhido por situar a relação memória, espaço e tempo na construção de um determinado momento nos impasses políticos que marcaram todo o percurso regional do Grão-Pará e sua anexação ao império brasileiro à época.

A voz da narradora, no caso, ajuda o receptor a dominar o relato entre os fatos difíceis de inferir, enunciando os planos futuros dos outros personagens de forma que ajudem a antecipar o desenvolvimento da história. A dramaticidade contida nas ações de ânsia, medo e angústia determinam a continuidade da narrativa, mas os sentimentos pessoais de Simone incrementam uma atmosfera muito maior: “a morte trágica de Pedro é o pior guardo na memória”. (SOUZA, 2001, p. 181) A memória literária, na verdade,

é o testemunho de todos os fatos vivenciados, através de uma paisagem que interessa como um diálogo mais profundo com o passado regional da Amazônia. O leitor-aprendiz, nesse momento, é capturado por uma outra dimensão da história, também pelo prazer de descobrir. Roland Barthes, em *O prazer do texto* (1987, p. 21-22) mostra-nos que, no fundo, o leitor sempre entra em crise na sua relação com a linguagem escrita. Nesse sentido, as habilidades desenvolvidas no leitor-aprendiz implicam novas potencialidades de percepção, através do saber/sabor.

Duas ou três décadas atrás estariam passando pelo porto de Belém as grandes partidas de anil, de café, de algodão e açúcar. Bojudas naves comerciais de dois mastros estariam a carregar os manufaturados de borracha, produtos cuja diversidade e fama corriam mundo. Uma infinidade de produtos extraídos da selva era acomodada nessas embarcações, ou até mesmo em minúsculos e petulantes veleiros de um mastro que partiam no rumo do mundo. Quão diferente de hoje, quando o café se transferiu para as terras roxas de São Paulo, o algodão para as plagas nordestinas e aqui não se produz mais absolutamente nenhum dos tradicionais artefatos de borracha. Os produtos da selva já não valem tanto quanto antes, e não mais se fazem fortunas da noite para o dia. Segundo histórias que passavam de boca em boca, o Império do Brasil queria o Grão-Pará de joelhos, como um mendigo sentado num baú de ouro. (SOUZA, 2001, p. 34)

As várias informações compiladas pela enumeração, sequenciando uma série de pré-adventos de fatos históricos e contextuais que impactaram a região. O docente pode explorá-los, desmembrando evento por evento, junto com o aluno. Por exemplo, a menção de “manufaturados da borracha” refere-se a importância que essa produção conquistará pela extração do látex, com a descoberta do processo de vulcanização da matéria-prima amazônica em 1839; ou a transferência das atividades comerciais para outros estados, o café para São Paulo, onde se consolidou como base da economia do país nos meados do século XIX e nas primeiras décadas do XX; também o algodão para o Nordeste que teve um extraordinário crescimento nos séculos XIX e XX. Enfim, a voz da narradora reuniu uma série de alusões à Belém do passado e do futuro em uma única passagem do romance, além das transformações e as distribuições comerciais por região que perdurariam por muitas décadas no país. Dessa forma, a linguagem utilizada por Márcio Souza, por meio de períodos curtos, conseguiu condensar inúmeros acontecimentos, mostrando que o tempo da narrativa, mesmo cronologicamente, tem suas peculiaridades de articulação, e um parágrafo pode sintetizar ou antecipar para o leitor-aprendiz um século inteiro. Cabe ao professor atentar esses pequenos detalhes para que o exercício da leitura se projete de maneira mais plena.

O leitor-aprendiz pode também, a partir dessas considerações, compreender a capacidade da literatura de lidar com os enredos num ritmo muito próprio, tanto no que diz respeito ao espaço-tempo cronológico ou psicológico ou mesmo ao ambiente físico ou imaginário; essas categorias entram em jogo para reconduzir os parâmetros que temos de realidade. Por isso, ao entrar em contato com as narrativas, neste estudo em especial, compreende-se a importância e os motivos que levarão à eclosão da Cabanagem e sua importância histórica para Amazônia. Assim, o professor pode enfatizar e relembrar o contexto que esses romances têm em relação ao momento de transição econômica e cultural sobre a entrada da região na era moderna e, logicamente, evidenciar a linguagem, com seus artifícios próprios da prosa, às circunstâncias panorâmicas da região; pode inclusive visualizar, com o leitor-aprendiz, a conexão com os signos escolhidos para compor a moldura do cenário, ou seja, as memórias da narradora convertem-se numa leitura para um sujeito fora da época em que ela são relatadas. Eis a magia literária sendo percebida na dialética da aproximação e do distanciamento proporcionado para quem lê. O leitor dito semântico, o que cria expectativas de continuidade do enredo, sob essa ótica, já é também um leitor estético, pronto a se perceber como elemento do jogo trazido pelo autor, suas tramas e suas personagens. Nesse passo, o docente oferece mais um motivo para a leitura da obra, mais do que superar os exercícios de habilidades leitoras ou de compreensão, pois estabelece as melhores condições para se seguir em frente, estimulando duplamente, pelo saber-sabor, o cultivo da curiosidade pelo que está por vir, mesmo que esses acontecimentos sejam de prévio conhecimento.

Da mesma maneira, no próximo fragmento, a entrada do discurso indireto faz a personagem dar ao ambiente uma carga semântica muito maior e febril pela situação de instabilidade instaurada na cidade com a morte de uma de suas principais lideranças. Estava se consumando os elementos motivacionais prévios do levante da Cabanagem. Os polos políticos-ideológicos entrecrocavam-se. Logo será instaurada a guerra. Não há escapatória. O aluno, junto com o professor, começa a enfrentar as provocações que o texto costura e o convoca a responder sobre o arranjo composicional, chamando atenção para os detalhes linguísticos, como o tempo do verbo, uso de adjetivos, advérbios e a escolha do vocabulário. Tudo relacionado a trama em andamento:

...a morte veio buscar Batista Campos às duas da tarde de 31 de dezembro de 1834. É curioso como, ao escrever esta frase, tenho a impressão de que ainda

estou nos aposentos em que meu amigo agoniza. Uma tarde nublada, um pouco fria porque chovera intensamente até as primeiras horas da madrugada. Ele não quer morrer, mas sabe que é inevitável. (SOUZA, 2001, p. 36)

O período composto (Ele não quer morrer, mas sabe que é inevitável), a oração principal propõe as aflições possíveis pautadas no medo e a agonia de retardar o inevitável destino, como se congelasse o tempo e relevasse a importância para o leitor sobre o acontecimento. Diferentemente, a coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção “mas”, estabelece os encaminhamentos finais, transpassando a vida sentimental e a resignação diante da morte por parte da personagem. O espaço e o tempo revestem os símbolos de significados sempre maiores do que o esperado, fazendo do texto e contexto um fenômeno único de significados para permanecerem na memória durante a formação leitora.

Assim, toda a construção do romance de Márcio Souza privilegiou vozes que circunvagam pelos enlaces históricos e as percepções subjetivas em um grau necessário de aproximação e afastamento; nesse caso, basta ao professor encorajar o destinatário aprendiz o suficiente para construir uma imagem mais dinâmica da passagem do tempo e dos fatos em curso.

Ao lidarmos com as fronteiras entre discurso documental e o discurso ficcional, para uma ideia de formação e concepção que se tem sobre a Amazônia, ampliamos os níveis de percepção do leitor-aprendiz para interesses muito além dos pragmáticos. O entrelaçamento possibilitou os pontos de contato entre os sujeitos de hoje e os de ontem, na compreensão de que estamos formando um leitor ativo. Isso é um passo importante na instrução formativa de um indivíduo que percebe, ao entrar em contato o fenômeno literário e os acontecimentos históricos, pode sentir a mesma força intuitiva que levou o autor a criar essas narrativas. Ao compreender o papel indispensável da ficção, portanto, contrasta e se complementa com a verdade historiográfica, propriamente, como uma oportunidade de aberturas futuras para novas leituras e concepções a partir de outras perspectivas adotadas, redesenhando seu percurso, criando memórias estratégicas que permanecerão. Assim, a trilogia se utiliza dessa linha fronteira, entre fato histórico e imaginação, numa linguagem baseada na realidade do cotidiano regional, retratando as fraquezas e os anseios pelas personagens protagonistas num contexto vibrante de acontecimentos decisivos para o que viria adiante.

Nessa perspectiva, a construção das personagens históricas (Batista Campos, Angelim, Lobo de Souza) trouxe elementos fortes da personalidade de cada um, características condizentes com as atribuições que o autor as conferiu durante o enredo. Em *História da Amazônia* (2019, p. 212-13), Márcio Souza descreve o perfil das principais personalidades no período da Cabanagem. Para ele, Batista Campos era um exímio mobilizador das massas; tinha total sintonia com as reivindicações populares e ao mesmo tempo sabia negociar; Angelim, um imigrante de nordestino, bem-sucedido, honesto, mas tinha pavor em voltar a ser pobre; Lobo de Souza tinha experiência em reprimir movimentos populares; era deputado na assembleia geral legislativa, foi presidente das províncias de Goiás, Paraíba e Rio de Janeiro. No recorte abaixo, tirado dos romances da trilogia souziana, as figuras históricas aparecem em determinando momentos estratégicos como conformação de modos de ser complementares:

Batista Campos me impressionou menos por sua verve polêmica que pelo fato de ter uma opinião clara, o que o tornava uma raridade nos meios eclesiásticos e intelectuais de Belém. Acho que o cônego nunca se conformou com as limitações de seu sacerdócio, e fez dessa inconformidade uma espécie de parâmetro para a sua vida controvertida. E o segredo de seu carisma residia exatamente em aceitar essa ambiguidade. (SOUZA, 2001, p. 87)

Lobo de Souza era um homem de temperamento explosivo, sem nenhum talento político, que desprezava as lideranças locais. (SOUZA, 2005, p. 24)

A nomeação de um homem como Lobo de Sousa soava como um escárnio para os paraenses. Numa terra que prezava a educação e as boas maneiras, onde se cultivava uma requintada hospitalidade, era quase impossível conviver com alguém que confundia autoridade com desdém, superioridade hierárquica com indiferença pelos cidadãos de cabedal e que pensava que fazia parte da liturgia do cargo o tratamento brutal aos mais humildes. (SOUZA, 2001, p. 34)

Angelim era um tipo bem interessante, que nunca se deixou dobrar pela origem humilde, pela sina de imigrante, de homem sem berço e escola. Tinha influência porque tinha uma fortuna construída com suas próprias habilidades e trabalho. Era um homem de trabalho entre senhores refinados com fortes traços aristocráticos. (SOUZA, 2005, p. 165-66)

Tomando quatro momentos distintos, de cada um dos romances, percebe-se que a construção dos traços dessas personagens como as vozes de liderança para o povo cabano no decorrer da história, no campo ficcional, está propenso a ser mais hábil em uma dinâmica própria permitida pelo enquadramento que interessa ao ritmo ficcional implementado pelo autor, se o comparamos com as observações que o autor fez no seu livro de história sobre a Amazônia. Em todos os romances, em uma constante reafirmação dos fatos narrados, a presença das personalidades históricas são

incorporadas em um nível muito particular no cerne da própria questão histórica, e essas reúnem em si os lados mais marcantes, tanto positivos quanto negativos, em determinados momentos. Por exemplo, a imagem de Lobo de Souza tem uma carga semântica muito forte na constituição de uma personalidade arredia e muitas vezes intolerante, por sua não identificação com a região e suas personagens, pois ele “odiava o Grão-Pará”, “Odiava Batista campos” (2001, p. 35), enfim, as condições humanas exploradas pelo autor permitem uma abordagem sempre mais ampla em relação aos acontecimentos e isso gera expectativas ao leitor atento. A essa altura, o professor situa as personagens históricas dentro do contexto em que eles se movimentavam, antecipando as principais repercussões que levaram ao movimento dos revoltosos cabanos.

Nesse sentido, a atmosfera organizacional dos romances, nos seus plurilinguismos, tem as progressões de ações na reconstrução e a desestabilização de importantes matrizes do discurso historiográfico, o que não significa uma negação da história, mas, sim, uma espécie de renegociação entre fatos e ficção. O leitor-aprendiz, nesse sentido, já no interior da batalha discursiva, é estimulado pelo jogo de palavras e suas imagens, a interrogar-se a si mesmo a respeito de seu papel até como coautor da história com suas próprias percepções que fazem parte de uma busca muito maior da expressão de uma identidade amazônica por meio de uma interpretação mais vigorosa.

A partir dos resultados de reconhecimentos e aprofundamentos da história ficcional pelos esforços leitor, o leitor-aprendiz passa a ser portador de significações à luz de novas interpretações depois do contato com conhecimento do mundo real e do imaginário no tecido narrativo. Isso significa que os fatos documentais não têm a mesma abertura de estratégias linguísticas que a ficção, mas a ficção pode utilizá-los como base para suas revisões, revisitando-os a sua maneira. Por sua abertura de linguagem, por exemplo, um narrador privilegiado pode expor suas opiniões pessoais sobre os outros com liberdade através de um diálogo interno, explorando artifícios que os documentos não dispõem. Portanto, a construção das personagens, cada descrição de características pessoais, gestos e de comportamentos pormenorizados, nessa atmosfera dialógica, dimensiona, para mais ou para menos, os impactos das ações delas dentro da narrativa literária. Assim, como Lobo de Souza, caracterizado como inculto e truculento, Batista Campos e Angelim, por outro lado, são personalidades mais humanizadas e

próximas do povo no seu desejo de independência. Mas, para o crescimento da trama, cada personagem contribui para a descrição dos fatos importantes dentro do núcleo narrativo que foram designados pelo autor, para a conclusão de um enredo, ou uma nova forma de leitura, dando ao leitor ferramentas e outras opções de olhares, ao melhor tempo de assimilar a progressão dos acontecimentos que levaram a Cabanagem na Amazônia.

3.3 *Revolta* e o distanciamento épico

Em *Revolta*, o terceiro e último volume publicado até agora, Maurício Vilaça, protagonista e narrador, é afilhado de Fernando e Simone (nomes retomados), e narra os acontecimentos em seu diário íntimo, retratando os acontecimentos de 1835, ano do início do levante cabano. Nesse romance, assim como nos outros, prevalece uma atmosfera descritiva com referências intertextuais com os fatos historiográficos e personalidades, como, por exemplo, Félix Clemente Malcher e os irmãos Vinagre. No entanto, pequenas nuances fazem distinções entre os narradores dos três volumes. No primeiro volume, Fernando tem uma perspectiva mais compromissada, militarizada das estratégias embrionárias da revolução. No segundo, Simone consegue penetrar no cerne da questão cabana com uma visão mais detalhista, sensível do ambiente e das pessoas. Já no terceiro, Maurício é um jovem que cresceu no âmbito das discussões político-sociais defendidas pelos pais (Bernardo e Amélia, amigos de Fernando), mas que escolheu ficar à margem das disputas, mesmo que os rumos da Cabanagem interfira em seu destino, descrevendo o passo a passo dos acontecimentos. É inegável que o autor Márcio Souza é um profundo conhecedor da matéria tanto ficcional quanto histórica da Amazônia, como fomos verificando no curso da análise. Ele, por meio de seus romances, localiza, identifica, costura, condensa, descreve os fatos, além de dar voz aos personagens anônimos, colocando-os ao lado de personagens reconhecidamente históricos, em um grau sempre desafiador das fronteiras semânticas. Os adverbos, desde o primeiro volume, constitui um mosaico de fatos relevantes que o aluno reconstitui durante a leitura, junto ao professor. Cabe a este, a essa altura, reconhecer os elementos mais importantes que sejam possíveis de fazer o leitor-aprendiz entrar em contato com um contexto mais vibrante daqueles acontecimentos. A costura entre o romance e os

fatos históricos vão ganhando força de revelação, passo a passo, lado a lado, entre o discurso historiográfico documental e a ficção.

Neste romance, a estratégia de análise utilizada junto ao leitor-aprendiz diz respeito ao distanciamento ou estranhamento incorporado pelo narrador-personagem Maurício Vilaça na obra, uma maneira muito particular de enxergar os fatos por meio de um diário. Como diz Robert Scholes (1977, p. 48), o romance é uma epopeia sintética que propicia respostas para as perguntas e os problemas que conduzem à tensão dramática, introduzindo um interesse intelectual e filosófico no lugar do interesse da personagem nas garras do destino. Nesse sentido, a voz da personagem, aqui, em particular, distancia-se mais estrategicamente do objeto (o movimento da Cabanagem) e, ao mesmo tempo, faz uma (re)leitura própria de todas as ocorrências ao seu redor sem um envolvimento direto com os elementos de ação como os dois outros narradores anteriores, Fernando e Simone, respectivamente, fizeram.

Aconteceu muita coisa nesses últimos dias. Vou tentar resumir para não perder nada. Com a baderna que reina na cidade, os negócios ficaram péssimos. As ruas estão cheias de tapuias e escravos, uma multidão bêbada, armada e insolente, que amedronta as gentes de feição clara. Não gosto desse tipo de agitação, sou bem diferente de meu pai. Ainda que ele não esteja aprovando o que está acontecendo. Daí resolvi fugir, deixar para trás essa triste realidade, e com umas companhias femininas para mudar o foco da vida. A primeira coisa que Margarida fez quando ficamos sozinhos foi me encher de beijos. Foi amor instantâneo. Passamos a noite nos amando. (SOUZA, 2005, p. 39)

O professor, nesse primeiro momento, retoma a ideia de condensação dos fatos em um único parágrafo e mostra no fragmento que o entorno social paraense se transformou drasticamente de um romance para outro, consolidando uma dinâmica à narrativa. O uso dos muitos referentes a ser percebidos nessa atmosfera de instabilidade tem como protagonistas principais as camadas sociais dos tapuias e escravos. Assim, a maneira de narrar e de se referir ao ambiente, de Maurício, por meio de seu ponto de vista, fornece simples e diretamente as chaves do momento histórico e sua temperatura social. A cidade está dividida e em agonia que é apreendida pela inquietação das próprias personagens, fadadas a transitar entre os escombros de um mundo em decadência. O mecanismo do narrador, ao cortar sua linha de raciocínio para incluir suas tendências sexuais como subterfúgio para fugir dos fatos, mostrando, por outro lado, um aspecto de humanidade como um escape da realidade que será marcada, sabemos, por sucessões de violência, indica sua necessidade de se distanciar, o que o

privilegia na hora de visualizar todo o enredo numa tomada panorâmica. Assim, as suas ações posteriores derivarão deste princípio de distância estratégica, onde a voz do outro se registra por meio de uma enunciação constante:

Os cadáveres dos dois próceres da Regência (Lobo de Souza- Governador- e o Tenente-Coronel Santiago) foram arrastados para a frente do Palácio e atirados na sarjeta. Eu não simpatizava com o governador, mas a profanação de seu corpo deixou-me abalado [...] A poça de urina e sangue em que os cadáveres jaziam era a cama que as massas enlouquecidas estavam preparando para todos nós, gente de posses, de pele branca e muitas filosofias a nos toldar a visão. [...] parti com meus homens para a casa de meus pais. [...] Olhei meu pai; a pele do rosto flácida e pálida porejava suor. Mas eu bem que deveria ter dado ouvidos a meu pai. Como poderia? Já estava acostumado a descartar tudo o que ele falava. Não suportava mais a sua exaltação política permanente, a sua fidelidade de subalterno, a prudência que encobria a sua insegurança. (SOUZA, 2005, 26-7)

Nessa passagem da narrativa, a violência, que será uma recorrente no enredo dali para frente, permite a interpretação da imagem relacionadas à intranquilidade e à insegurança, principalmente, para os indivíduos de “pele branca” e “gente de posse”, uma espécie de fio condutor que desvelam as emoções constituidoras do cotidiano em percurso de uma série de impasses entre o povo e o governo, em meio a uma atmosfera instável da região que definha em direção a um extermínio sangrento e cruel. O questionamento de Maurício Vilaça, antecedido por uma autocrítica de não ter ouvido o pai, causa um efeito de estranhamento diante do contexto em que o Grão-Pará se encontrava, por meio de uma tentativa de conciliação entre o indivíduo e o mundo. A característica epopeica do narrador-personagem promove sua inserção em uma atmosfera que mal compreende e dificilmente aceita, no entanto, tenta reconstruir a realidade por meio de representações das contradições humanas, atribuindo-lhe novo sentido, tentando recuperar e juntar os fragmentos dos acontecimentos, figurando, assim, por meio dos diferentes aspectos, tendências sociais e nas diversas formas que ele se afirma, ou seja, uma relação íntima, conturbada entre homem e sociedade é projetada aqui de uma maneira bastante hábil e cabe ao professor juntar esses elementos para dar ao aluno as condições para enxergar a estratificação da prosa que reúne os elementos contextuais numa voltagem apropriada para a apresentação dos acontecimentos.

Nesse sentido, a técnica utilizada pelo autor na composição de seu romance, apresentada ao leitor, é a de revelar, por meio da própria ordenação ficcional, que o homem nascido na Amazônia é fruto da mistura de coisas, reais e imaginárias, assimiladas por meio de muitas transformações obrigadas pelo curso dos

acontecimentos reflexos de um todo. Gyorgy Lukács (2011, p. 173-74) define que o “romance é posto diante da tarefa de despertar uma impressão imediata precisamente da extensa abundância da vida, da complexidade e da tortuosidade de seus caminhos de desenvolvimento, da incomensurabilidade de seus detalhes”. Na verdade, é isso o que os narradores souzianos tentam contar para seus leitores mais atentos.

No fragmento a seguir, percebe-se os encaixes sequenciados pela retomada de lembranças através de um percurso construído por flashes em que os fatos reais ganham a importância por meio de analogias entre presente e passado, dando até uma velocidade cinematográfica à narrativa. Ou seja, é uma memória fracionada e selecionada que leva a um determinado alcance pela força de articulação estética, onde o passado é elevado e vivenciado de uma maneira visceral:

Olhando para trás, só agora começo a ligar os fatos. A morte de Lobo de Souza e de seu comandante das armas, o assassinato de comerciantes portugueses e de transeuntes incautos de pele branca e o levante armado não foram coisas exatamente espontâneas. O que acabou acontecendo, e os principais responsáveis não vão concordar comigo, é que a coisa escapou ao controle. Mas eu deveria ter prestado mais atenção ao que estava acontecendo ao meu redor. Desde a morte do cônego Batista Campos que na cidade começaram a circular uns tipos interioranos, um maior número de tapuias e negros a perambular pelas calçadas e logradouros, a se reunir em pequenos grupos pelas esquinas. (SOUZA, 2005, p. 33)

O narrador vislumbra, a distância estratégica, o encadeamento das ações que marcarão a região e seus nativos àquele momento tenso da trama histórica de início da Cabanagem. Cada estratégia de antecipação pode ser compreendida como um mecanismo de modulação de voz com efeito que rompe o limite entre a realidade e o tempo. Da mesma forma, todo o processo de mudança é irreversível a que o espaço está condenado, arrastando suas personagens e seus dramas pessoais para o centro da narração. A memória de Maurício aparece como painel privilegiado que junta as peças, antecipando, mesmo que “responsáveis não concord(em) comigo”, a falta de controle das autoridades na região.

Nesse sentido, o professor pode orientar o leitor-aprendiz para os depoimentos de vivência, como a confissão pessoal do narrador, num discurso que pretende reconstruir o passado por meio da recordação seletiva e enumerativa, e, nesse caso, a literatura, com seu poder de reconduzir a historiografia, ao incorporar os elementos ficcionais, faz com que o discente deseje estar na companhia desses personagens ainda por várias páginas. Como diz Umberto Eco (2003, 181-82) “faz parte dessa técnica a

evocação de experiências interceptivas e proprioceptivas do destinatário. Trata-se, em outros termos, de remeter o destinatário a experiências em que ele sofreu, ou seja, que ele integre ao discurso aquilo que já viu e sofreu”. O professor se esforça para promover a identificação do leitor-aprendiz com o universo paraense da época cabana. O aluno aprende a incorporar a visão do outro, em sala de aula, graças a um texto de qualidade. Com isso, suas referências históricas ganham releituras e vácuos são preenchidos, dando uma identidade e uma movimentação especial para costurar os fatos que desembocam na maior insurreição popular da América do Sul:

Os poderosos do momento já estão a se desentender. Até que demoraram. Eu esperava que a brigada começasse no dia seguinte à posse do Malcher. Será que ainda não entenderam que estão com os dias contados, que a Regência não vai tolerar esta situação por muito tempo? Se nada aconteceu até agora é porque a notícia da morte do Lobo de Souza ainda nem chegou à Corte. Na hora em que as autoridades souberem, não vão tolerar a insubordinação de uma província, vão fazer de tudo para acabar de uma vez com esta bagunça.(SOUZA, 2005, p. 161)

Nesse recorte, o enquadramento se destaca pela construção cadencial de imagens proporcionadas pelo uso dos termos “poderosos”, “Malcher”, “Regência”, “Lobo de Souza”, “Corte” e “autoridades” como vocábulos estratégicos para inserção direta ao movimento cabano. A configuração na disposição das palavras compõe uma dinâmica em que seu leitor seja capaz de perceber nos interstícios da colagem de coisas e motivos para a eclosão popular. Bakhtin nos ensina que a prosa permite muito mais movimento dos referentes quando se dispõem a serem propostos, mesmo em curto espaço. Como também, o sujeito que fala no romance tem sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira à significação social. Nesse sentido, as palavras proferidas pela personagem “não são apenas objeto do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante”. (2002, p. 4) Isso significa que uma personagem tem características particulares dentro do tecido narrativo e tem vez e voz. Isso implica que a maneira como o olhar atento percebe a atmosfera ficcional por meio de aproximações ou distanciamentos, nesse caso, o referente, para o leitor-aprendiz, constitui-se numa imagem-mundo histórico que se passa no interior discursivo propriamente, dependente da maneira como se percebe essa dinâmica. É a consciência estética que é despertada pela força da prosa:

Aconteceu o inevitável. Malcher mandou prender várias pessoas sob o pretexto de que conspiravam contra seu governo. Entre os presos, meus pais e o Angelim. [...] Como todos desertaram, ele mandou patrulhas da Guarda Municipal até as casas de meus pais e Angelim, dar voz de prisão e conduzi-

los para bordo do brinde Cacique, onde seriam postos a ferros. (SOUZA, 2005, p. 181)

A velocidade de uma paisagem para outra é uma montagem cinematográfica cronológica do passado paraense. Toda a decadência na maneira de governar, com o uso da força e prisões, colapsou qualquer possibilidade de diálogo entre os principais articuladores no desenrolar dos fatos. O aluno submerso no contexto, percebe que a situação na região se tornou insustentável, “aconteceu o inevitável”; o conflito de interesses e os pontos de vista contrários enriquecem o sabor da narrativa. Os verbos utilizados garantem uma sucessão de ações semanticamente controversas a um passado de glória: “prende”, “desertou”.

Os indícios narrativos, à medida que a guerra estava em sua mais intensa representação, utilizam-se de elementos extremos na configuração de um ambiente sanguinário e de morte: “um homem idoso se levantou, apontou uma pistola e atirou em Malcher. A bala varou-lhe o coração, matando-o instantaneamente”. (SOUZA, 2005, p. 188) O distanciamento de Maurício captura e coloca em foco o fio da destruição em um vai e vem constante:

Passei o dia no telhado, de binóculos, observando os embates. [...] Um foco no Palácio Episcopal, outro no casarão comercial da Sé [...] Quando observava estas cenas quase encobertas pela escuridão, iluminadas apenas pela chama, fui ofuscado por um clarão para o espaço [...] Não sei como escapei com vida e sem maiores ferimentos. (SOUZA, 2005, p. 185:186)

Essa paisagem recortada pelo o olhar do narrador multiplica a quantidade de vozes e o destino do mundo objetivo, por meio de uma tendência antecipatória em manter para si a última palavra, isto é, “os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo”. (BAKHTIN, 1993, 211) Dessa maneira, cada um dos contornos escolhidos pelo autor corroboram o enlaçamento dos fatos e do imaginário, conduzindo o leitor-aprendiz ao caminho do sabor das discordâncias sociais e políticas da época. Assim, a plataforma de observações feitas por Maurício em mais de uma tomada de consciência durante o romance como um narrador-memorialista cronológico da situação, antecipa as causas do estopim para região, garantindo uma mediação do leitor na complexa situação em que o Pará estava predestinado rumo ao abismo. Nesse sentido, o histórico se une profundamente com os entrecos romanescos, representando um elo historiográfico capaz de preencher mais silêncios em relação a um conflito pouco compreendido pelo Brasil.

O professor, nessa perspectiva, leva o aluno a uma reflexão sobre certas questões prioritárias de identificação com o enredo, ressaltando a relação eu-mundo, eu-outro. Mostra que o movimento da Cabanagem foi uma revolução política e social mais abrangente da história do Brasil, tanto em termos cronológicos e geográficos, ainda passa por um processo de amnésia histórica até para os próprios amazônidas, e como Márcio Souza contribuiu para reavivar a discussão por meio da literatura.¹¹

3.4 A amazonidade na trilogia souziana e a importância da ficção histórica para a região

A Amazônia, durante o século XIX, era considerada um centro político-econômico marcada pela intensa modernização, principalmente, pela descoberta do uso do látex. Na literatura regional da grande planície verde e humana, para quem quer começar a entender a construção histórica, torna-se quase obrigatório entrar em contato com a literatura de viagem que desde o início forneceu ao imaginário amazônico uma profusão de imagens que serviram, mais adiante, de matéria-prima para a ficção e para recontar a história.

Em um ensaio intitulado *Amazônia: mito, história e ficção literária* (2019), a autora discute que “as primeiras crônicas e narrativas dos viajantes relacionados à região concordavam em geral sobre um ponto de vista: reproduzir representações que oscilavam entre visões edênicas ou avernais do mundo amazônico” (JOLLANT, 2019, p. 2), contribuindo para formação e fixação de determinadas representações da composição da região. Pode-se dizer que a narrativa desenvolvida na hileia é um produto do conflito de várias visões de fora que se colidem numa mesma ordem de elucidação de um mistério; retomando a ideia bakhtiniana da palavra ser sempre alheia, “a palavra vai à palavra” (2006, p.153), o que se instaura é um diálogo com diferentes matizes que circundam uma maneira própria de aclimatação do olhar. Ou seja, a Amazônia se tornou o último esgar da procura do eldorado pelo colonizador. E isso perdurou e perdura até os nossos dias.

Nessa perspectiva, os relatos orais e os registros escritos, sejam eles oficiais ou literários, ajudam a (re)construir fragmentariamente o conhecimento de um período e

¹¹ Lembremos que o conflito de Canudos, no interior da Bahia, só ganhou destaque graças a uma obra de impacto literário como *Os sertões*.

suas marcas, permitindo uma (re)visita à história em um diálogo prolífero entre passado e presente. Nesse aspecto, como contribuinte importante, a literatura, dentro de suas várias manifestações, configura uma tradição ficcional histórica que sente, a cada obra, uma necessidade de constante resgate. Como se alguma dívida, deixada por algum viajante, tivesse ainda que ser paga.

O autor de *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, nesse contexto, com seus personagens transformaram-se nos condutores dos fios emaranhados dos sonhos e malogros em torno do potencial da região. A história cabana, na visão de Márcio Souza, conferiu uma maior importância a um tema um tanto obscuro, buscando uma expressão amazônica antes do período áureo do Ciclo da Borracha.

Sobre amazonidade, os autores Gilson Penalva e Lorena de Carvalho tentaram definir a palavra da seguinte maneira:

Amazonidade é um conceito associado às questões de identidade e cuja aplicação, devido à amplitude e complexidade da região amazônica, tem sido bastante desafiadora. Talvez o obstáculo maior para desenvolver e se pensar neste conceito enquanto desejo de afirmação identitária seja a pluralidade e a heterogeneidade da cultura produzida na Amazônia. A amazonidade tem sido reivindicada como conceito, em contraposição ao termo amazônico, que se constitui a partir de essencialismos consensuais que eliminam as diferenças. (p.7, 2020)

Sendo assim, as condições peculiares da região em toda sua formação discursiva, desde os primeiros contatos com o europeu, produzem várias misturas e contaminações culturais ao longo de vários séculos. O sentido da palavra amazonidade requer o rompimento com os tradicionais pontos de referência étnico-culturais e linguísticos que historicamente serviram para identificar a cultura amazônica nos primeiros escritos. Ou seja, absorver o que coube no período e inaugurar suas próprias histórias por meio de novos vínculos de percepção do outro.

Nesse sentido, Márcio Souza é um representante que buscou destacar as marcas de amazonidades em um período que não se pensava nisso, nas obras estudadas *Lealdade, Desordem e Revolta*, transportando as vozes silenciadas (tanto da elite como dos cabanos), os costumes históricos de vivências e desejos de sonhos a ser conquistados em momento de profundas transformações. Um cenário composto pela identificação homem/ambiente que sobrevive/u em um mundo que passou uma construção discursiva dicotômica entre paraíso e inferno, desde sua inauguração exótica

pelo olhar estrangeiro, desencadeando um imaginário sedento de sobrevida nos liames entre os extremos.

Ainda hoje, as marcas dessa formação histórica e regional se encontram nos pequenos detalhes de (con)vivência e na maneira como a literatura guarda nas narrativas as margens dos rios que banham e transportam vidas, sonhos, mas também toldaram suas águas com sangue de muitos estrangeiros e nativos que lutaram pela liberdade na ânsia de conquistar outros mundos.

Assim, Amazônia no seu plurilinguismo se organiza nessa perspectiva como espaço da inter-relação de culturas e saberes diversos, de contaminações e aculturamentos incorporados ao longo de seu desenvolvimento social e histórico. Cada uma de suas contraposições compõem a ideia de amazonidade, fundamentando-se de forma significativa em sua representatividade e importância tanto nos aspectos negativos como positivos colhidos pelos olhares dos viajantes.

Marcio Souza (2019, p. 24) diz que ter uma história significa existir, isto representa para a Amazônia algo grandioso e importante, já que sua história tem uma cultura diversificada e complexa com uma expressão própria, seja no modo de enxergar suas belezas ou na maneira de manifestar sua linguagem pela música, literatura, etc. No entanto, ao longo de seus processos de transformações social-cultural-histórico nem sempre foi percebida como um fenômeno de destaque em nosso país, pois nossas particularidades sempre nos foram negadas em nome de um juízo de valor genérico. Por isso, a importância de se estudar os processos da formação da região para destacar sua identidade literária e histórica, não só nos cursos superiores de Letras, mas que essa valorização seja incentivada desde cedo no percurso educacional do aprendiz nativo/local.

Da mesma maneira, não se pode negar o reconhecimento e o esforço de autores como Márcio Souza e tanto outros antes dele, ou depois, que tiraram do anonimato uma parte do país tão complexa tanto no sentido social como geograficamente, por meio de uma espécie de mosaico composto sempre por muitas vozes e muitos olhares diversos. Assim, a concepção de amazonidade, nesse contexto, é uma ideia de pertencimento a um lugar com identidade rica em potencialidade imaginária, sendo que ao mesmo tempo que se une, se difere de outras ideias homogêneas.

Portanto, escrever uma história da Amazônia não se limita a favorecer a compreensão de um povo em sua dimensão geopolítica e cultural; significa também defender valores, diferença, a pluralidade étnica e cultural. (SOUZA, 2019, p. 17) E nessa perspectiva, o espaço amazônico torna-se singular, específico e interligado com seu povo e sua gente. Nesse sentido, a ideia de amazonidade transcende a possibilidade de definição, já que seu traço identitário está sempre em (re)construção, uma constante presente no cotidiano de todos os indivíduos que se aventuram a conhecer e a viver no seu complexo universo.

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido nesta dissertação vislumbrou, principalmente, dialogar sobre Amazônia em uma perspectiva que possibilitasse entrar em contato com o discurso histórico e ficcional na reconstrução de um momento histórico importante. Com isso, uma reflexão sobre os dilemas no ensino de literatura, enfatizados na tentativa de colocar em evidência o distanciamento que há na formação leitora local. Para tanto, os protagonistas dos romances dialogaram com seus leitores-aprendizes a partir de estratégias temáticas da relação tempo-espaço na trilogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* (2001-2005), observando os enquadramentos cronológicos da Cabanagem. Na perspectiva ficcional, a flexibilidade de recontar souziana permitiu um preenchimento dos vazios que os documentos, de alguma maneira, não podem dar conta sem a imaginação ficcional. Nesse sentido o leitor-aprendiz aguça sua capacidade de interpretação e leitura de mundo, entendendo que cada personagem demonstrou seu ponto de vista na reconstituição dos fatos. Isso a partir de um certo desenrolar cronológico do momento histórico cabano.

Pode-se dizer ainda que a ficção tanto a subjetividade individual, representada pelo seu emissor, quanto a coletiva que consolida os processos inesgotáveis de escrita e reescrita da cultura, constituindo-se a partir de complexas camadas discursivas estratificadas, com perspectivas diferentes e interpretações como ensina Mikhail Bakhtin que a interação sempre está alicerçada no setor social, espécie de microuniversos sempre potencialmente dialógicos e aguardando seus poderosos orquestradores.

A escolha dos romances de Márcio Souza, dentro de várias possibilidades de linguagem ficcional-épica (satírica, sarcástica, realista), permite ao leitor-aprendiz conhecer os fatos históricos de duas maneiras. De um lado a historiografia com nome de personalidades importantes, ao lado de anônimos, seus feitos que contribuíram para o desencadeamento da Cabanagem, o passo a passo das sucessões de fatos. Por outro, o próprio fictício, com acréscimos de pontos de vistas, inserção do leitor na atmosfera do período histórico para que esse possa enxergar de perto o desenrolar e sentir as angústias da condição humana, ouvir suas vozes e preencher o que o documento historiográfico deixou por se dizer. São as nuances que possibilitam uma linguagem

literária capaz de expressar de forma mais flexível e aberta os impasses das interpretações.

Portanto, o esboço oferecido neste trabalho possibilita, ao profissional docente, um olhar desafiador sobre os eventos que ajudaram a formar a região Amazônica ao passo que sua proposta diante do leitor-aprendiz pode fazer diferença na formação do aluno. Para tanto, sua condução/orientação diante dos registros a seu dispor depende muito mais de suas escolhas, mas, ao apoderar-se de fatos e oferecer uma intimidade maior entre texto-aluno-autor, por meio da ficção, possibilita uma de tantas tentativas de construir um percurso mais vigoroso e produtivo para uma vida estudantil futura.

Assim, os caminhos para esta pesquisa, ao longo desse tempo, transformou-se e alimentou a esperança em oferecer uma atividade pedagógica que permita novos caminhos para uma concepção dos reflexos da atividade histórica e ficcional como linhas que se cruzam e que contribuem para uma relação mais íntima com os interesses do aluno a fim de trazer o hábito da leitura pelo uso do texto literário em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ACUNÃ, C. **Novo descobrimento do grande rio Amazonas**. Trad. Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- AIRES, R. dos A. **Literatura brasileira de expressão amazônica: perspectivas e concepções**. Letras Escreve <http://periodicos.unifap.br/index.php/letras> ISSN 2238-8060 Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015.
- ARAÚJO, K. B. **O plurilinguismo na linguagem romanesca segundo Bakhtin**. Todas as Musas. ISSN 2177-1277. Ano 05. Nº 02. jan- jn. 2014.
- ARENDT, J. C. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. Todas as Letras Z. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2005. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420>
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 2013.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3 ed. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo, HUCITEC, 2006.
- BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 14 ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: CULTRIX. s.d.
- _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BATES, H. W. **Um naturalismo no rio Amazonas**. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- BENJAMIN, W. **O narrador**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. ed. 3. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987
- BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.
- BLOOM, H. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: OBJETIVA LTDA, 2000.
- BORBA, M. A. J. de O. **Literatura e teoria do efeito estético**. In: *Tópicos de teoria para o discurso literário*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004, p. 137-176.

CÂNDIDO, A. *O direito à Literatura*. In: **Vários escritos**. São Paulo: Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004. 4ª ed. reorganizada pelo autor. p. 1-10.

CARVALHO, J.C. **Amazônia revisitada**: de Carvajal a Márcio Souza. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

_____. **A armadilha do conto**: um mapa de leitura. Revista de Educação, Ciência e Cultura (ISSN 2236-6377). Canoas, V.21, n. 1, jan. Jun. 2016.

CHARTIER, R. **A força das representações**: história e ficção. (org.) João Cezar de Castro Rocha. Chapecó, SC: Argos, 2011.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

CUNHA, E. **Um paraíso perdido**: reunião dos ensaios amazônicos. Rio de Janeiro: Vozes e Mec, 1976.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

ECO, U. **Sobre literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor**: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Paraná: UFPR, 2008.

FRYE, N. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: Realizações, 2014.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOLLANT, N. **Amazônia**: mito, história e ficção literária. Paris: Ensaio Essay, 2019.

LAJOLO, M. **Literatura e história da literatura**: senhoras muito intrigantes. Remate de Males. UNICAMP: Campinas (13):105-112, 1993.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica**- uma poética do imaginário. 5º ed. Manaus: Valer, 2015.

LUKÁCS, G. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACKSEY, R.; DONATO, E. (org). **A controvérsia estruturalista**: as linguagens da crítica e as ciências do homem. Trad. Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira. São Paulo: Cultrix, 1972.

MARCUSCHI, L. A. **Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo**. *Leitura, Teoria e Prática*. 1985. 4, 1-14.

MESQUITA, M.C. **A intertextualidade em Lealdade de Márcio Souza**. Tessituras, intertextualidades, convergências. (XI Congresso Internacional da ABRALIC – USP), p. 1-5, 13 a 17 de julho de 2008.

_____. **Literatura e História: uma leitura de Lealdade (1997), de Márcio Souza**. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL - UNESP, 2009.

PCNs. Parâmetros Curriculares Nacionais. 10º ed. Brasília, Distrito Federal: Editora FTD, 2000.

PENALVA, G; PENALVA, L. de C. **Amazônia, amazonidade e transversalidade: em busca da construção de um conceito**. Dissertação de mestrado. Organon, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-13, 2020. E-ISSN: 22388915 DOI: 10.22456/2238-8915.103827.

PIMENTA, J. **O amazonismo acriano e os povos indígenas: revisitando a história do Acre**. Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil. 2015.

PINHEIRO, L. B. S. P. **O Ensaio Geral da Cabanagem: Manaus, 1832**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

PROENÇA FILHO, D. P. **A linguagem literária**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

PROSE, F. **Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. Trad. Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RAIOL, D. A. **Motins políticos ou historia dos principaes acontecimentos políticos da provincia do pará desde o anno de 1821 até 1835**. Vol.4. Rio de Janeiro. Typ. Hamburgueza do Lobão-Hospicio 149 e 151, 1884.

RICCI, M. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. 22 TEMPO. 2006.

SANTAELLA, L. Palestra 01- **Leitura em tempos de incerteza**. Youtube Centro de Educação e Letras- Campus Floresta. 15/12/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S0kZSS8Ai6A>

SCHOLES, R.; KELLOGG, R. **A natureza da narrativa**. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGRAW-HILL DO BRASIL, LTDA, 1977.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA-SELIGMANN, M. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, J. R. da. **Entre história e ficção - algumas leituras sobre a produção literária em torno da economia da borracha: 1870 – 1930**. Dissertação (Doutorado). Unicamp. Campinas, p. 212. 2017.

SOUZA, M. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. 2 ed. São Paulo: Alfa- Ômega, 1977.

_____. **Galvez**: imperador do Acre. 4 ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

_____. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **A resistível ascensão do Boto Tucuxi**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **A caligrafia de Deus**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____. **O fim do Terceiro Mundo**. 2 ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.

_____. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

_____. **Desordem**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Lealdade**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Revolta**. São Paulo: Record, 2005.

SPIX, J. B., MARTIUS, C.F. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. 2 ed. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. São Paulo: Melhoramentos, s. d.

TEIXEIRA JUNIOR, T. **Entrevista: Tiese Teixeira Junior (Divulga escritor)**. Shirley M. Cavalcante. Atraentemente: o que lhe atrai permanece na mente. 9 julh. de 2018. disponível em: <<https://www.atraentemente.com.br/2018/07/entrevista-tiese-teixeira-junior.html?m=1>> acesso em: 20/01/2021.

_____. **Estudos Amazônicos**: ensino fundamental. Belém: Paka-Tatu, 2010.

_____. **Estudos Amazônicos**: ensino médio. Curitiba: Prismas, 2016.

TELES, G. M. **A escrituração da escrita**: teoria e prática do texto literário. Petrópolis: vozes, 1996.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WALLACE, A.R. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

WHITE, H. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Trad. José Laurênio de Melo. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

WINHARDT, M. **Ficção e história: retomada de antigo diálogo**. Revista Letras, Curitiba, nº 58, p. 105- 120. jul./dez. 2002. Editora: UFPR.